

# Voz de S. Antonio



Revista mensal ilustrada



Abençoada por S. S. o  
Papa Leão XIII pe-  
lo Ex.<sup>mo</sup> Ordinário  
e varios Prelados.

N.º 4

ABRIL  
SÉRIE 4.<sup>a</sup>  
8.º anno

*Castro*

## CHRONICA LIGEIRA

SUMMARY: *Crescit unda. — A maçonaria e a república nas nações monarchicas latinas. — Uma ideia particular. — União latino-maçónica.*

A onda maçónica cresce por toda a parte. Os artigos de fé maçónica contra o papado e realzação vão brotando os seus perniciosos factos.

— Contra o papado e realzação?! a maçonaria benéfica e philantropica?! resmungará já algum leitor de ingenuidade angelical.

Sim senhor, a maçonaria professa artigos anti-papaes e anti-monarchicos. Não o sabias leitor? Pois ouve o juramento que faz o **Grande Escocoz de S. André** da Escocia, (o grau 29.º) ao ser elevado ao grau 30.º, dignidade de Kadosch.

O Gr. M. interroga severamente fingindo má catadura o novo Kadosch, que já apunhalou um craneo coroado de tiara pontificia (intendes, leitor?) e um outro de corôa real, (percebes tambem?) acerca do que fez — Que calcaram os teus pés? — Corôas reaes e tiaras papaes, (que honito! como calha em verso!...)

E depois de outras perguntas:

Quantos juramentos fizeste?

— Quatro. — E repete os seguidamente.

— Qual foi o quarto?

— Juro... calcar aos pés a corôa real, como emblema da tyrannia... calco aos pés a tiara pontificia e papal como emblema da ambição e da imposição...

— Quaes são os inimigos irreconciliaves do Kadosch? (— a fama e a laizeira que me fizeram mação, — responderiu eu).

— O despotismo dos governantes... e a tyrannia dos padres, assassinos infames da liberdade de pensamento, e da liberdade de consciencia.

Ouviste leitor, são os juramentos, que os filhos da viuva fazem e praticam com rancoroso fanatismo.

— Pois sim, mas isso será a maçonaria lá de fóra: a franceza ou a italiana; a portugueza é eminentemente philantropica e tolerante nas suas crenças.

Pois não leitor; são uns piedosos crentes os maçõesinhos portuguezes.

Queres vêr? Ora lê um paragrapho sómente das actas d'uma sessão maçónica do Gr. O. Lusitano, onde os negrinhos orphãos da viuva definiram a attitude que deviam tomar, perante o concilio ecumenico; que ia reunir-se no Vaticano.

«— Roma cidadela da mentira o da intolerancia, conserva-se ainda de fronte erguida... pretendendo com o seu *non possumus* (os rapazecos da viuva sabem latim) e, com o seu concilio ecumenico, derribar as conquistas que são solidariamente nossas.

«A cõrte dos papas é hoje a Babilonia aviltada, antro hediondo de todos os vicios fóco de todas as iniquidades.

Seja pois a nossa Augusta ordem como anjo do Apocalipse (ai que anginho bento, santo Deus) a executóra da funesta sentença que diz: ha! maldita seja a grande cidade coberta de purpura...! Um dia bastará para que todas essas opulencias desapareçam». (Isto refere-se á occupação de Roma que levaram a effeito poucos mezes depois).

Ouviste leitor. E' o que querem os mações de fóra e de dentro, os de lá e os de cá, porque olha: os nossos são como o outro que diz á franca: são filhos da mesma... não digo que cheira mal.

Pois como dizia (custou a voltar ao ponto) a

onda maçónica, recrudescer; os crêdos maçónicos anti-papaes e anti-monarchicos (já crês leitor?) professam-se em todos os reinos e por todas as classes, e a seita do inferno continua fanatica na sua acção demolidora. Sobre tudo n'estes dois annos, nota-se, — nota-se? palpa-se, vê-se a olhos fechados, um movimento maçónico alarmante. A homenagem a Christo Redemptor no final do seculo XIX e o grande jubileu pontificio, trouxeram a Roma milhões de peregrinos, no mundo catholico sentiu-se a vida e acção; e a maçonaria, antagonista fanatica da religião, jurou vingar-se promettendo em conciliabulo internacional, deixar gravado o seu nome na historia do seculo xx.

Para isso sahiram para campo de avental á cinta, esquadro e camartelo em punho todos os mestres, discipulos, aprendizes e simples serventes de cal, e toda a canalha do Grande Architecto moços de pico sabes para quê leitor? — Para levantar algum palacio ao diabo que os leve... — Não senhor, meu malcreado; para se vingarem do Papa que viam tão festejado, nas suas caras ordens religiosas e monasticas. Fêz essa pedreira toda o que já sabes. E se não chegaram a mandar os Jesuitas de presente ao Papa, se não alcançaram victoria completa, porque graças a Deus o nosso povo ainda tem força e vida christã, conseguirem accender um fogo que se não apagou, que se conserva latente, sob a cinza de ardiloso esquecimento; fogo que em se dando ensejo, basta um pequeno sopro para lavar novamente.

Não pense o leitor que a maçonaria perdeu a questão religiosa, que ficou vencida. Achando mais opposição nos animos do que julgava, passam pela bocca dos mesmos, que por decreto quizeram exterminar as congregações, umas legalizações, aprovaram uns estatutos, uns regulamentos e não sei que mais papeis que põem tudo nas mãos d'elles, e proclamaram, para socego publico, que estava terminada a questão chamada religiosa.

Mas deixem-se dormir os catholicos, emudeçam os cães da vinha do Senhor, não pelem os Centros Nacionaes, e verão os meus amigos que esses mesmos papeis que hoje nos deram para a nossa legalização serão a nossa força!

\*  
\* \*

Um dos grandes factos que a maçonaria pretende deixar gravados com sangue real nas paginas da historia do seculo xx, é a plantação da republica na Italia, Hespanha e cá na nossa Parvonia Portugueza. Para este fim intendeu, e bem, que lhe era necessaria a união de vontades e acção maçónicas n'estes reinos e resolveram os Ir. italianos, hespanhoes e portuguezes reunir-se em conventiculo com os irmãos da França em Paris, no Grande Oriente da rua Cadet. Para lá partiram, não vae ha muitos mezes, mas quando estavam reunidos e proximos a fazer acto (para elles) conventicular maçónico, o M. Waldech-Rousseau, *non motu proprio*, já se deixa vêr, mas obrigado por reclamações officiaes estrangeiras, não lhes permittiu o intento; quer dizer, pediu-lhes naturalmente, aos veneraveis irmãos no osculo da viuva, que pelo amor do diabo (pois se elles lhe prestam culto...) não continuassem, para evitar atrictos de maior á republica; que com muito pezar o fazia mas... paciencia... viria tempo...

Não foi avante, como queriam, o tal conventiculo, que visava a união latino maçónico das nações latinas, para depois trabalharem com afinco na plantação da republica nas ditas nações, mas isso é o menos; terão occasião de o fazerem qualquer dia.

# Voz de S. Antonio

Redacção e administração — Braga

## SUMMARIO

Sobre a questão social.

I Parte — *Secção Doutrinal*: A autonomia da razão.— S. Feliz de Cantalicio.— A oração.— Breve de S. Santidade o Papa Leão XIII.— Indulgencias, etc.

II Parte — *Secção Historica*: A republica de São Marinho.— Pensamentos.— Anecdotas. III Parte — *Leituras Amenas*: Os Cavalleiros da Mercê: regresso do Cruzado; o anjo de paz.

IV Parte — *Culto de Santo Antonio*: O Pão de Santo Antonio em Braga.— Feira.— Limões.— Livramento.— Torres Novas.— Cabeceiras de Basto.— Vinhaes.— Villa Nova de Gaya.— Brazil e diversas partes.— Os cofres.— Novos membros da Pia União.— Recommendações.— Os nossos defuntos.

V Parte — *Secção Scientifico-Litteraria*: Quadros Biblicos.— Esther.— Ao impio (*poesia*).— Bibliographia.— As nossas illustrações.

VI Parte — *Chronica Universal*: Roma.— Portugal.— Hespanha, etc.

*Gravuras*: Christo Vence.— Visconde de Poli.— Marquiza de Sampaio e seu brazão d'armas.— Palacio do Capitolio em Washington.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Mattos.

## SOBRE A QUESTÃO SOCIAL

o grande problema que hoje em dia preoccupa as atenções dos sabios e dos amigos do povo, bem como dos que se prezam de admiradores do progresso em todos os ramos da humana actividade.

Ninguem negará que essa questão existe; que é ella a grande realidade, que se nos depara hoje por toda a parte — objecto de profundos e rigorosos estudos. Guarde-se porém cuidadosamente todo o que anhele pôr o seu talento e acção ao serviço d'esta relevante causa, de errar a idéa fundamental sobre que deve apoiar-se toda e qualquer hypothese rasoavel. Uma hypothese para merecer este nome deve antes de tudo ser rasoavel, isto é: deve dar uma solução ao problema em questão que não vá d'encontro a alguma verdade irrefragavel. Se pretendes provar que a somma dos tres angulos d'um triangulo é igual á de dois rectos e provas que não é maior, sem duvida a tua hypothese é insustentavel.

Assim pois desde o principio convença-

se cada um que a questão social é antes de tudo uma questão religiosa e não uma questão unicamente economica. Enganar-se-hia solemnemente o sociologo que partisse d'este principio incontestavelmente falso, que a questão social é apenas uma questão d'estomago e que assim ser-lhe-ha dada uma solução cabal quando o patrão fôr um pouco mais generoso com o obreiro; quando o salario fôr duplicado ou triplicado e as horas de trabalho reduzidas; emfim quando ao obreiro fôr proporcionada uma vida mais desafogada e livre. Esta hypothese é insustentavel, porque carece de fundo theologico e prova demais. A Philosophia exprime assim este raciocinio: *quod nimis probat, nihil probat*. Pretendes provar uma verdade e provas um absurdo, não provaste nada.

O absurdo aqui consiste em fazer crer ao operario que a sua beatitude se limita ao theatro da presente vida, que sua natureza sublimada pela graça não aneia por uma vida futura.

Toda a hypothese tendente a instillar no coração do operario que a vida futura é uma chimera, sem contestação é uma hypothese tambem chimerica.

A revelação, a fé, a graça, a theologia apontam-nos para um destino que se contem n'um ideal mais levantado do que o que nos promettem certos economistas, que re-



negam do Evangelho pretendendo enveredar as sociedades por direcções que Christo não lhes deu. Jesus Christo disse de Si mesmo que era caminho, verdade e vida; ora este Homem, embora despojado do diadema da Divindade, que lhe foi arrebatado por Renan, é credor da fé de todos os homens sensatos e que não commungam os ideaes de Strauss, Baur e congeneres.

Para dar o primeiro passo na questão social é mister como Newton pedir alguns principios irrefragaveis. Aquelle eminente philosopho e não menos eminente naturalista para explicar d'algum modo como trabalha a machina mundial começou por supôr a existencia de Deus. Os que pretendem dar ao problema social uma solução viavel deveram começar pela mesma supposição. Esta idéa capital tem de presidir a qualquer raciocinio n'este sentido. Todas as demais devem convergir para este centro de luz. Quando o sociologo tiver lançado este fundamento já está em terreno firme. Este genuino ideal tal qual nol-o propina a philosophia christã, a historia e a fé, deve ser proposto ás massas populares para que d'elle se embebam até á saciedade. Diga se-lhes com a auctoridade com que aos fieis do seu tempo o dizia S. Thiago, que nenhum homem tem no mundo morada permanente, que todos vamos em busca d'uma outra cidade, que o mundo é um theatro, a vida uma scena, onde os actores são os homens. N'esse theatro para que não houvesse monotonia foi conveniente que cada um representasse o seu papel diferente. D'est'arte vereis entrar na grande scena por entre as cortinas do vencimento purpuras e andrajos; a opulencia e a indigencia: de vez em quando ouvir-se-hão lamentos e hosannas; por vezes dar-se-vos-ha tambem o espectáculo da innocencia gemendo sob o fardo da dôr e da iniquidade feroz insultando a virtude. Não importa. No meio d'esses accórdos e discordancias faça-se valer sempre esta idéa palmar que o mundo phísico como o mundo moral vêem de Deus, que ambos estão subordinados á acção da Providencia que os sabe conduzir por vias insondaveis ao seu verdadeiro destino. Quando o coração do obreiro começar a ressentir-se da benefica acção d'esta doutrina começará tambem por aquiescer. A paz nascerá em sua alma.

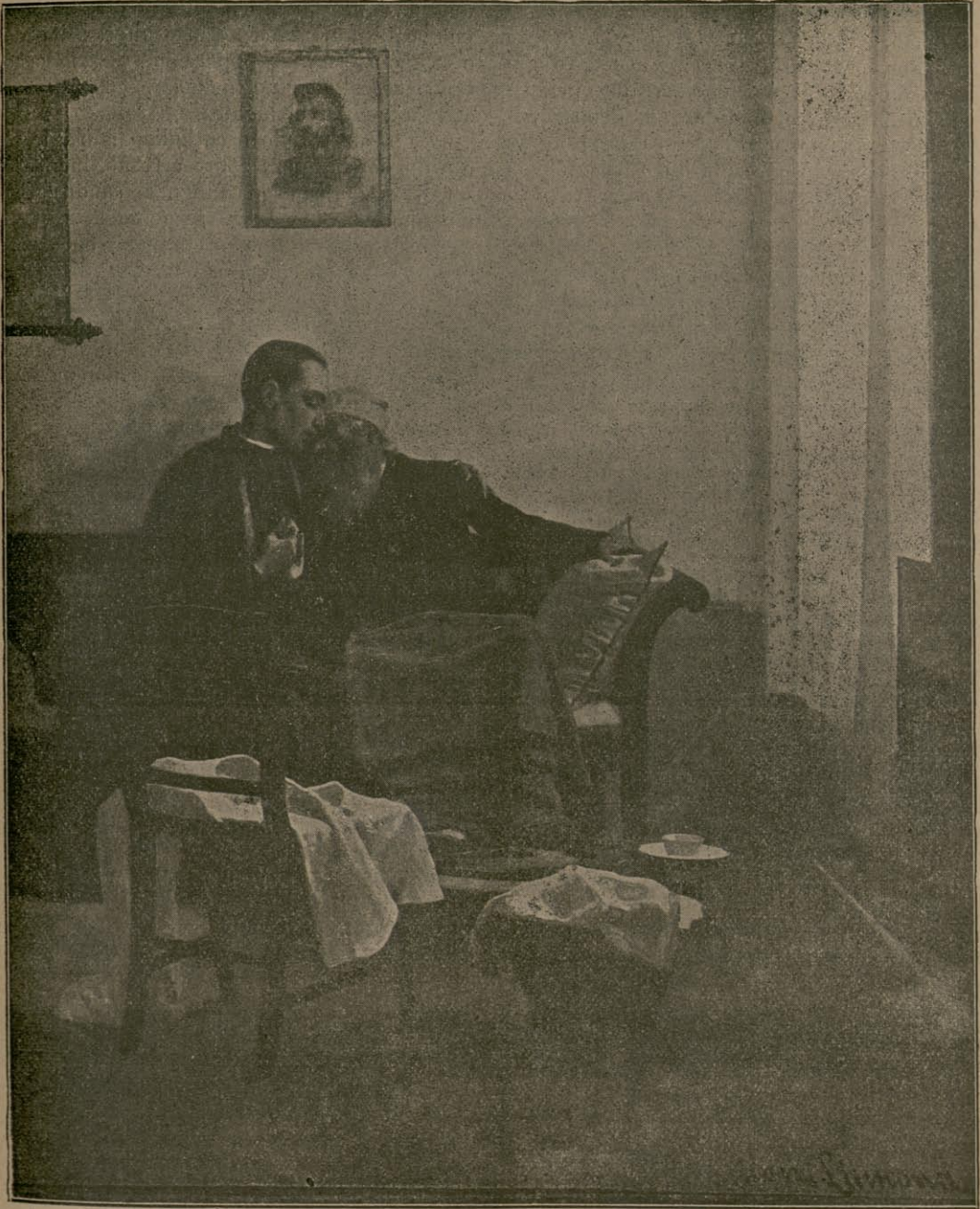
E' o principio da bonança social. Qual a razão, dir-se-ha alguém a si mesmo, d'essa tendencia para um ideal que não existe? A que fim querer navegar por um mar de rosas se eu serei tanto mais feliz quanto mais trabalhada fôr a vida presente? Para que amontoar thesouros que não passam na alfandega da eternidade? Todo o homem tem o sentimento innato da felicidade e dotado de intelligencia capaz d'abstracção é tambem capaz de soffrer tudo para assegurar-se essa beatitude. Comprova-o com a sua nativa eloquencia a experiencia de cada dia. O duellante cioso de sua honra não teme offerecer-se á morte; o soldado avido por inserir nos annaes da gloria uma pagina ao seu valor, não hesita um momento em expôr seu denodo aos fios da espada inimiga.

\*

\* \*

Mas não basta á solução completa do problema social christianisar o obreiro. E' necessario tambem que o patrão não seja refractario ao Evangelho, já proposto como unico meio viavel para reconduzir as sociedades ao seu verdadeiro destino. O rico, o patrão, o homem opulento enverga um character social que não póde depôr sem commetter um delicto de lesa sociedade. Onde quer que se encontre um cabedal encontrar-se-ha tambem um possuidor com direito a ser acatado na sua propriedade; a propriedade não é um roubo, como gritou Proudhon, a propriedade é um direito sacrosanto. Advirta-se porém que este direito implica um gravissimo dever, que o proprietario deve cumprir sob pena de reclamar sobre si as maldições de Deus e dos homens, que em virtude do laço social téem direito a disfructar d'esse cabedal quanto lhes concede o direito de sociabilidade. O rico deve por consequente dar ao obreiro a esmola do trabalho; deve franquear-lhe as suas propriedades para que lh'as amanhe e os seus montados para que os arrotee. Devotar á inercia e infecundidade estes feracissimos elementos de vida é paralyzar a obra do Creador, offender o operario e privar-o a elle e a sociedade de meios necessarios á vida e evolução social.

Depois o trabalho deve ser devida, honesta e christãmente recompensado; o salario deve ser contrabalançado entre as exi-



CHRISTO VENCE (QUADRO DE J. LLIMONA)

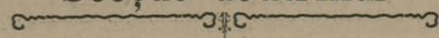
gencias economicas do obreiro em suas relações com uma familia e a dignidade e producção do trabalho. O patrão que esporado pela ambição e anhelando a *auri sacra fames* olha sómente ao lucro a tirar do trabalho do obreiro, seria na accepção genuina da palavra um egoista que menoscaba o Evangelho, onde está tão claramente recommendado o altruismo religioso, que uma linguagem repassada do Christianismo chama caridade. O capitalista não existe só para si. Elle não tem obrigação de proporcionar ao obreiro uma felicidade absoluta, porque já vimos que dignos de melhor sorte somos viajeiros para um mundo melhor; mas é obrigado a aligeirar-lhe o fardo da vida com uma soffrivel recompensa do trabalho proporcionando-lhe assim uma felicidade relativa. Conseguil-o-ha encarando o operario como um seu semelhante feito á imagem do Creador dos ricos e dos pobres e remido com o sangue da mesma Victima. Especular com o suor do seu semelhante, servir-se d'elle como se fôra um homem e uma machina, é desgarrar-se enormemente do ideal christão e agravar infinitamente a questão social.

Tenha o rico caridade e o pobre paciencia. Fundem-se bem n'estas duas virtudes. Estenda o rico a mão ao pobre para que o pobre tenha um arrimo á sua fraqueza. Acerquem-se um pouco mais as duas classes, mas sempre sem se confundirem, e então começará o bem estar das nações. O obreiro bem dirá a Deus e amará o patrão e este terá n'aquelle a garantia de sua prosperidade.

E' este, na sua lidima accepção, o ideal evangelico no tocante á questão social, ideal que Leão XIII com pensamento fundamente philosophico e theologico soube reproduzir nas suas immorredouras encyclicas sobretudo na *Rerum novarum* onde mais particularmente visa a questão social.



## Seeção doutrinal



### A autonomia da razão

**N**o ligeiro estudo critico em que me empenhei esforcei-me por mostrar quão longe está de ser vedado aos catholi-

cos tratar scientificamente os dados de fé, mas antes o empenho da Egreja em que sejam esboçados todos os seus contornos e se dep re, tanto quanto possivel o diamante da palavra santa, embora sem o alterar. Assim o exige a marcha do pensamento moderno e a necessidade que o dogma se aclare e atinja a possivel lucidez.

Se n'este estudo o catholico não é livre e o dogma lhe peza sobre a razão, menos o será o incredulo porque, ninguem como o christão tem ousadia no que respeita á investigação scientifica que promoverá energicamente, confiado como está na voz da infalibilidade.

São para lastimar n'este trabalho as cegas intransigencias d'alguns catholicos, mas não revolta menos ouvir que o dogma serve de estorvo á comprehensão das sciencias contemporaneas.

Como se poderá ser homem de sciencia, dizer, criticar livremente, examinar, por exemplo se a polygenese é um facto, se já de ante-mão se não póde deixar de afirmar a unidade da especie humana, em virtude da definição da Egreja contra os Preadamitas sobre a origem humana d'um só par e transmissão do peccado original? A autonomia da razão falta, pois, ao catholico se não em todos os ramos do saber, ao menos nos que esclareceu o dogma e lhe serve de commentario; e comtudo, tal autonomia é de necessidade indeclinavel para julgar despreocupadamente e cultivar as sciencias humanas. O catholico não tem liberdade.

Mentira. Se o crente não póde deixar de se orientar pela verdade da fé e de a reputar como acquisição segura e por outro lado repudiar quanto se oppõe a esse ensino, nem por isso sua liberdade de pensar e de critica fica lesada.

Liberdade de critica só existe em face da duvida ou da hypothese. Apenas, porém, os clarões da certeza nos mostram uma verdade como conquistada, tal liberdade desaparece: a autonomia do espirito só é scientificamente necessaria emquanto se está reduzido a conjecturas e a analyse não desvendou a certeza do facto.

Quem poderá negar, logo que conheça o valor quantitativo dos numeros que ha e quatro perfazem oito ou despresar, a titulo de liberdade de pensar, as verdades primordias e instructivas? Ninguem, porque des-

conhecel-as é refugiar-se no dominio da loucura e introduzir na sciencia um verdadeiro nihilismo intellectual.

Obstará, acaso, ao livre estudo da descendencia do homem d'um só tronco o ser demonstrada a fecundidade das alianças entre os individuos de raças as mais apertadas; ou que o seu cerebro, á parte uma certa differença de volume, seja exactamente igual á d'um macaco?

Evidentemente, não; são antes dados sobre que se ha de erguer todo o edificio scientifico n'este ramo e caminho aberto aos mais rasgados apprehendimentos e a formulas theoreticas cujo alcance só o futuro poderá medir.

Pois o ensino dogmatico é uma d'essas verdades conquistadas. A sua certeza não brotou, é verdade, d'um criterio experimental, não é fructo d'uma analyse chimica ou d'um exame anatomico, não foi adquirida á custa de trabalhos e instrumentos de precisão, mas desceu ao meu espirito, no dizer do illustre Faraday, por methodos não menos rigorosos nem menos exactos.

Essa verdade e esse ensino revelado ponho eu, pelo menos, a par dos dados certos da experiencia e das deducções puramente racionais, com justiça fontes de conhecimento no ambito da sua esphera, e fornece-me uma certeza que lhe é equivalente, embora de proveniencia muito apartada.

A auctoridade doutrinal que a propõe não é mais que uma testemunha viva e authentica do facto divino e d'um Verbo que não passa e a que se recorre como o sabio ao seu microscopio. Ambos, com este recurso, descobrem em certo modo verdades transcendentales enquanto escapam ás suas faculdades ordinarias. Em nenhum, porém, a confiança é cega; se um confia na perfeição de seus instrumentos de analyse, o outro sabe que Deus fallou e nos ensinou verdades innaccessiveis á experiencia natural e ás deducções logicas e que como taes só por testemunho infallivel poderão ser guardadas e conhecidas.

Assim o exige a razão elaborando sobre os dados historicos e philosophicos. Tanto obsta á cultura das sciencias os principios da fé, como aos estudos da physica as leis assentes de mechanica.

A nossa posição é, portanto, racional. E' verdade que não nos é permitido pôr em duvida o dado da revelação, mas

havemos de partir sempre da sua existencia ainda quando lhe buscamos o seu fundo racional, mas a duvida não é condição do livre exame.

Para se estudar a exactidão d'uma affirmacão não é forçoso negal-a previamente, aliás para obtermos a certeza da circulaçãõ do sangue nos vertebrados ou da correlaçãõ das forças physicas e colhessem força probativa as experiencias em que se fundam respectivamente esta funcção e este phenomeno seria mister negal-os primeiro.

Demais, se este exame prévio fosse forçoso e a duvida condiçãõ indeclinavel da sciencia, a vida não chegaria para descer á analyse de cada facto e o individuo só breve peculio de conhecimentos reuniria. Muitas das convicções ainda as mais sinceras escoram menos n'um exame immediato que no assentimento prestado a outrem. Na sciencia como na vida social, sentimos-nos inclinados por um pendore natural a crêr no ensino dos mestres, que por sua vez em suas locubrações só se satisfazem depois de verem suas vistas partilhadas e confirmadas por outros.

Se, portanto, este estudo das bases racionais da religiãõ ou de cada ponto de fé não fôr possivel ainda a crença ficarã illuminada pois que a auctoridade tambem não deve ser banida da esphera religiosa. A fazer-o, porém, aproximem-se as questões fixas nos canones com as sciencias humanas, procurem-se todas as conexidades entre umas e outras, aprofundem as suas razões justificativas que se as deducções, forem logicas não se contradirão, embora por vezes o fundo luminoso da verdade religiosa fique impenetravel.

Os suppostos conflictos entre a sciencia e a Igreja não provem senão de hypotheses por vezes postas em confronto com as decisões doutrinaes de fé ou de conclusões certas das sciencias humanas cujas harmonias se procuram com questões controversas de interpretação e de sciencia illustrativa do dogma em que os Padres não fazem fé.

Se não gosamos, portanto, de autonomia em face do dogma é porque a não pode haver deante da verdade proclamada e ensinada pela propria razão que investiga ou crê no facto da revelação.

A melhor prova da segurança n'esta crença é que a luz da fé nunca deixou de

illuminar as intelligencias ainda quando era proposta sob conceitos falsos e explicados por uma sciencia erronea — sempre descobriamos sob esse vestido grosseiro, uma verdade fecundante, tão certo é Deus estar acima de todas as philosophias e de todos os systemas.

LEAL.



### Santo Protector para o mez de Maio

*S. Feliz de Cantalicio.* — No mez passado, propozemos aos operarios christãos, um exemplar perfeito de virtude, tirado da vida operaria, da fabrica. Hoje vamos tirar do campo um modelo acabado de perfeição christã, para a numerosa classe agricola.

Cantalicio, pequena aldeia, situada na faldada dos Apeninos, nas extremas da Umbria e da Sabina foi o berço de Feliz.

Seus paes, pobres lavradores, empregaram-no, desde os seis annos, em guardar os animaes de casa. Aos nove, mandaram-no servir um azeitado burguez que o occupou em pastorear o seu numeroso rebanho. Emquanto o armentio pastava quietamente, Feliz refugiava-se a qualquer gruta alpestre a orar. As bellas perspectivas da natureza, tão abundantes e variadas na vida pastoril, traziam-lhe o espirito sempre elevado em Deus. Durante a noite, quando o rebanho descansava, flagelava-se com disciplinas.

Esta vida de oração e penitencia, passada na solidão dos montes, durou alguns annos.

Tullio Pechi porem, tocado pelas virtudes do seu servo chamou o para casa, em Civitá Ducale, para edificar os domesticos e confiar-lhe a lavoura das suas fazendas. Feliz deixou os montes e recebeu o novo officio com alegria, por satisfazer melhor ás ancias de seu inflamado espirito.

Antes do romper da aurora, assistia ao sacrificio da missa, e encomendava-se a Deus: durante o trabalho conservava o espirito recolhido, a noite passava a em penitencias e orações.

Entre todas as praticas de devoção tinha predilecção pelo santo sacrificio, que ouvia diariamente. E certo dia, em que seu amo o occupou de manhã cedo, um anjo do céo o veio substituir no trabalho, para elle poder cumprir aquella devoção.

Estes exercicios e santas praticas aproximavam-no do cume da perfeição christã e Feliz era um exemplo de virtude para os domesticos e pessoas que o tratavam. Ninguém na sua presença se atrevia a proferir uma palavra menos decente, uma phrase menos caritativa, um gracejo picante. Em se chegando Feliz os grupos de murmuração e conversas livres desfaziavam-se.

Depois de embalsamar Civita Ducale, com o perfume de suas virtudes, Feliz pensou em se retirar do mundo, para o Claustro. Desde ha muito que o recolhimento da clausura lhe captivava o espirito, mas sem nada resolver. Afinal um fracasso, natural para qualquer outro mas de celeste significado para elle, veio rouba-lo a perplexidades.

Um dia, jungia e punha ao carro uma junta de nervudos e fegosos toiros, que tomando medo desataram a fugir a toda a brida. Feliz tentou suster-lhe a carreira, mas os animaes atropelaram-no passando-lhe por cima com o carro. Quando todos o julgavam morto, apparece são, sem a menor ferida.

Feliz intendeu que Deus lhe defendera a vida para lh'a consagrar na Religião Franciscana.

Assim o fez. Pede perdão a seu amo de qualquer desatenção que tivesse para com elle e das negligencias, que podesse haver no seu serviço, faz o mesmo aos familiares e domesticos da casa e entra resolutio no claustro.

Era em 1543 e tinha 30 annos de idade.

As virtudes proprias da religião que professara: a pobreza, a humildade, a obediencia, foram o objecto principal da sua actividade espiritual.

A humildade porem foi a sua caracteristica.

Fr. Feliz apelidava-se e portava-se como jumento do convento. Um dia vindo mais carregado com os alforjes das esmoladas, tropeçou e cahiu.

— O jumento do convento não se levanta porque lhe falta o chicote — disse gracejando, ao passageiro que lhe deu a mão.

Amigo intimo de S. Filipe Neri que o estimava muitissimo, e com quem trabalhara, pelos seus exemplos e conversações, para a regeneração christã da juventude de Roma, estimado pelos cardeaes e corte pontificia, venerado por todos os cidadãos romanos. Fr. Feliz, morreu consumado em virtude, a 18 de maio, aos 74 de sua idade.

A multidão prodigiosa de milagres que operou durante a vida continuou em torno do seu sepulcro, onde Roma inteira vinha buscar remedio para todas as doenças, alivio para todas as desgraças.

Foi beatificado por Urbano VIII e canonizado por Clemente XI.



### Virtude a imitar

*Espirito de oração.* — «Vigiae et orae», disse Jesus Christo; e um auctor sagrado: «E' necessario orar sempre, sem desanimar nunca; «Orae sem interrupção acrecentou outro, e um padre da Igreja: «Quem deixa o caminho da oração abandona a via da salvação».

Devemos orar. A nossa razão que nos reconhece como filhos de Deus; o nosso coração que se dá por enfermo do Medico da humanidade, nos obrigam a isso; e o universo inteiro pregoeiro incessante das perfeições divinas, impõe-nos a oração como um preceito natural.

Devemos orar sempre, habitualmente, contrair o habito da oração. Não somos enfermos desde o berço á campa? e não exora continuamente remedio o enfermo, não grita pelo medico quando o apertam as dores da enfermidade? Não somos continuamente filhos pobres e necessitados? e não expõe a seu pae as necessidades que padece o filho indigente?

Devemos orar sempre. Mas como contrair o habito da oração continua? Como, adquirir o espirito de oração?

Nada mais facil, mormente para a gente do



campo — os filhos predilectos da natureza — para quem especialmente escrevo agora.

A oração é uma elevação suave da nossa alma a Deus. Todas as vezes que nos lembramos d'Elle, por uma jaculatoria, por um suspiro interior do nosso coração, quer seja um suspiro de louvor, quer de agradecimento, quer de petição ou arrependimento, oramos; e esta lembrança de Deus, e estes suspiros que dirigimos ao céu se forem continuos humanamente falando, continuamente oramos.

E não vos é facil esta elevação da nossa alma a Deus, lavradores?

Facilimo.

A natureza é um livro immenso que em cada folha nos fala eloquentemente das perfeições divinas.

A omnipotencia divina lê-se em caracteres, bem visiveis a todas as intelligencias, nas petalas de cada flor, nas folhas de cada arvore, na aste de cada ervinha do campo, na conservação de cada verme. Que sabedoria infinita na maravilhosa organização do corpo humano e dos animaes, na força reproductora da semente que germina a planta viçosa que se cobre de flores e depois de saborosos frutos? Na alimentação das avesinhas do céu e dos reptis da terra, que bondade?! Na conservação do homem que extremos de amor?! E a belleza incomprehensivel de Deus não nos é lembrada, pelas mimosas cores das rosas e lirios do campo e do jardim, pelo aprazivel encanto do pomar em flor, pelo verde loução do arvoredado do vale, pelo firmamento estrelado em noites de formosa lua, e pelos traços sympathicos do rosto humano que chegam a fascinar o espirito?

Sim, habitantes do campo, todas as creaturas nos retratam ainda que imperfeitamente, as perfeições divinas, todas nos falam de Deus, todas nos elevam a elle, nos convidam a ama-lo, nos incitam a orar. A verdura do prado, os matizes do campo florido, os perfis tortuosos das serranias alpestres, os gelos e frios do inverno, as flores, aromas e clima doce da primavera, os calores do verão, a palidez do outomno, todas as bellezas da natureza nos bradam bem alto: «Acima corações», amae a quem tantas lindas coisas fez. A lã, o algodão, a fazenda de que fazeis o vestuario para vos resguardardes do frio; a madeira, a pedra, a cal, com que levantaes as habitações, para vossa segurança e agasalho; os animaes, as frutas, as hortaliças de que vos alimentaes, clamam-vos continuamente: «Acima corações», amae quem vos veste, resguarda, nutre e defende. As alegrias e regosijos domesticos, os festins de vossa casa, as festas da vossa aldeia, gritam-vos: «Acima corações» amae quem vos alegra. As tristezas, as adversidades da fortuna e da doença, o soffrimento, atribulação bradam-vos mais alto ainda: «Acima corações atribulados»; amae quem vos dá o soffrimento, a cruz — a chave que vos abre as portas do Paraiso. Os mesmos peccados dos nossos irmãos, vos gritam cada vez mais fortemente: «Acima corações», amae a Deus que sustenta bondosamente a vida do peccador, para que se converta, que espera pacientemente a sua reconciliação.

Todos os acontecimentos prosperos ou adversos da vossa vida, as creaturas todas vos convidam a amar a Deus, vos elevam o espirito ao céu,

vos incitam a orar. Queiraes ouvir os clamores das creaturas, e obedecer aos seus impulsos.

Se no dizer dos ascetas é a oração que faz os santos, e se é tão facil aos filhos do campo e habitantes da aldeia, que estão em contacto com as maravilhas da natureza, a oração continua, é-lhes facilima a santidade.

Quando atravessaes, lavradores, as vossas louras searas que promettem abundante colheita, erguei vossa alma a Deus, orae, dae-lhe graças. Quando passeaes á sombra das vossas latadas que gemam viçosos gomos, cobertos de esperançosos cachinhos, erguei o vosso espirito a Deus, orae, pedi-lhe que se vos não fruste a esperança. Corre um anno farto, no pomar, na vinha, na seara, no lameiro, na horta em tudo; elevae vosso espirito a Deus, orae, louvae-o. Ameaça-vos um anno faminto de pão e vinho? orae, louvae ainda, a quem vos castiga n'este mundo, e não guarda as suas iras para o dia tremendo do juizo. E' um dia de sol que alegra os vossos campos e a vossa aldeia? orae, louvae a Deus que vos dá bom tempo para o trabalho. E' um dia de chuva e nevoa, orae, louvae-o, que vos rega os campos.

Ai! quão facil vos é o espirito de oração e a santidade, ditosos filhos da aldeia, se quizesseis ouvir os brados das creaturas, os clamores das bellezas da natureza que observaes tão de perto, que trataes com as vossas mãos! S. Feliz de Cantalicio, que vos propuz para modelo, não teve outra escola: ignorante como vós, aprendeu a ser santo pelos montes pastoreando o seu rebanho, e nos campos lavrando as terras de seu amo. Fazei o que elle fez, e sereis o que elle foi.



### Indulgencias plenarias

- No dia 8 — Ascensão.  
 No dia 17 — S. Pascoal Baylão, Conf. da 1.<sup>a</sup> O.  
 No dia 18 — Espirito Santo.  
 No dia 19 — Santo Ivo, Conf. da 3.<sup>a</sup> O.  
 No dia 20 — S. Bernardino de Senna, C. da 1.<sup>a</sup> O.  
 No dia 30 — S. Fernando, Rei, Conf. da 3.<sup>a</sup> O.



### Absolvição geral

- No dia 8 — Ascensão de N. S. Jesus Christo.



## Breve de Sua Santidade o Papa Leão XIII sobre as indulgencias dos Terceiros seculares de S. Francisco

**N**ós, que tanto fizemos, ordenamos e determinamos pelo bem e prosperidade da Ordem Terceira de S. Francisco d'Assiz e nos damos ao trabalho de a moderar e renovar sobre os

moldes da velha regra e disciplina, pelo pedirem assim os tempos, vimos agora satisfazer os desejos da maior parte de seus alumnos na certeza de que elles hão de trazer á Egreja Catholica grande fructo e utilidade.

Antes de tudo cumpre-nos dar muitas e grandes graças ao Senhor por vêrmos quanto, no meio da presente dissolução e perversão de costumes, o povo christão tem sido docil a nossas exhortações e convites, a piedade se tem accendido para o Seraphico Padre, e o numero dos Terceiros se tem augmentado.

Isto leva-nos evidentemente á convicção de que não estão adormecidas as virtudes christãs e que por meio d'ellas podemos acodir aos males que nos affligem e arredar os perigos que nos ameaçam.

A Ordem Terceira Secular, emminantemente popular, foi talhada pelo seu fundador para n'ella se praticar a vida christã pelo exemplo d'Aquelle que disse: — «Eu sou a vida, a verdade e o caminho».

As duas primeiras Ordens Franciscanas, informadas como são de altos ensinamentos de grandes virtudes, attingem o seu fim d'um modo mais perfeito e divino. A Ordem Terceira leva os seus filhos á pratica da justiça, da piedade e da integridade de costumes dentro da familia, não tanto pela sanctidade quanto pela honestidade da vida.

Comquanto se não atraze o curso das almas n'esta direcção, fica-Nos a consoladora esperança de que o povo christão regressará emfim bem de pressa á confissão de Jesus Christo em particular e em publico.

Como porém os catholicos se deixam notavelmente arrastar pelo premio de bens espirituaes, Nós, levando incitamentos aos que correm, viramos a nossa attenção para uma coisa que bem os chamasse rapidamente á Ordem Terceira.

Annuindo pois aos votos de nossos amados Filhos, ministros geraes da Ordem dos Menores, dos Conventuaes, dos Capuchinhos e da Terceira Ordem Regular, ouvindo tambem o parecer de nossos Veneraveis Irmãos, Cardeaes da Santa Egreja Romana e da Sagrada Congregação das Indulgencias e Sagradas Reliquias — em vez das graças espirituaes e das indulgencias que lucravam os Terceiros por virtude da communicação de privilegios com a primeira e segunda Ordem obtida pelo nosso Breve Apostolico em 7 de julho de 1896 que valeu por 5 annos, concedemos agora *in perpetuum* aos Terceiros por Nossa apostolica auctoridade todas e cada uma das indulgencias applicaveis por modo de suffragio ás almas do Purgatorio, e outras graças espirituaes que se apontam no schema seguinte :

### Indulgencias Plenarias

Todos os Terceiros que verdadeiramente contrictos, confessados e commungados visitarem devotamente a Egreja séde da Associação e orarem ali com piedade pela concordia dos Principes christãos, extirpação das heresias, conversão dos peccadores e exaltação da Santa Madre Egreja, podem lucrar indulgencia plenaria e remissão de todos os peccados, applicavel tambem por modo

de suffragio ás almas que saíram d'este mundo em união com Deus, nos dias seguintes :

1) No dia 14 de janeiro — Santo Odorico, Conf. da 1.<sup>a</sup> O.

2) No dia 16 de janeiro — S. Bernardo e Companheiros Martyr da 1.<sup>a</sup> O.

3) No dia 30 de janeiro — Santa Jacintha de Mariscottis, Virg. da 3.<sup>a</sup> O.

4) No dia 1 de fevereiro — Beato André dos Condes, Conf. da 1.<sup>a</sup> O.

5) No dia 5 de fevereiro — Santos Pedro Baptista e Companheiros Martyres da 1.<sup>a</sup> e da 3.<sup>a</sup> Ordem.

6) No dia 19 de fevereiro — S. Conrado de Placencia, da 3.<sup>a</sup> O.

7) No dia 21 de fevereiro — S. Angela Mericia, Virg. da 3.<sup>a</sup> O.

8) No dia 22 ou 23 de fevereiro — Santa Margarida de Cortona, da 3.<sup>a</sup> O.

9) No dia 6 de março — Santa Colleta, V. da 3.<sup>a</sup> O.

10) No dia 9 de março — Santa Catharina de Bononia, Virg. da 2.<sup>a</sup> O.

11) No dia 24 de abril — S. Fiel de Sigma- ringa, Martyr da 1.<sup>a</sup> O.

12) No dia 28 ou 29 de abril — Beato Lucio, 1.<sup>o</sup> Terceiro, que recebeu o habito das mãos de S. Francisco.

13) No dia 17 de maio — S. Pascoal Baylão, Patrono de todas as Associações Eucharisticas.

14) No dia 19 de maio — S. Ivo, Conf. da 3.<sup>a</sup> O.

15) No dia 20 de maio — S. Bernardino de Senna, Defensor do Santissimo Nome de Jesus.

16) No dia 30 de maio — S. Fernando Rei, Conf. da 3.<sup>a</sup> O.

17) No dia 13 de junho — Santo Antonio de Lisboa, da 1.<sup>a</sup> O.

18) No dia 7 de julho — S. Lourenço de Brundisio, da 1.<sup>a</sup> O.

19) No dia 8 de julho — Santa Izabel, Rainha de Portugal, da 3.<sup>a</sup> O.

20) No dia 9 de julho ou 13 de setembro — S. Veronica, Virg. da 2.<sup>a</sup> O.

21) No dia 14 de julho — S. Boaventura, Doutor da Egreja e Conf. da 1.<sup>a</sup> O.

22) No dia 16 de agosto — S. Roque, Conf. da 3.<sup>a</sup> O.

23) No dia 19 de agosto — S. Luiz, Bispo de Tolosa e Conf. da 1.<sup>a</sup> O.

24) No dia 4 de setembro — Santa Rosa de Viterbo, Virg. da 3.<sup>a</sup> O.

25) No dia 28 de setembro — S. José de Cupertino, da 1.<sup>a</sup> O.

26) No dia 27 de setembro — S. Elzeario, Conde de Ariano e Conf. da 3.<sup>a</sup> O.

27) No dia 6 de outubro — Santa Maria Francisca das Cinco Chagas, Virg. da 3.<sup>a</sup> O.

28) No dia 13 de outubro — Santos Daniel e Companheiros Martyres da 1.<sup>a</sup> O.

29) No dia 19 de outubro — S. Pedro d'Alcantara, Conf. da 1.<sup>a</sup> O.

30) No dia 17 de novembro — Beata Delfina, Esposa de Santo Elzeario.

31) No dia 29 de novembro — Todos os Santos das tres Ordens de N. P. S. Franciseo.

32) Nas festas da  
— Natividade.  
— Purificação.

- Anunciação.
- Assumpção da Santissima Virgem.
- 33) Nas festas da
  - Circumcisão.
  - Epiphania.
  - Ascensão.
  - Santissima Trindade.
- 34) Nas festas de
  - S. Miguel, Archanjo.
  - Anjos Custodios.
  - S. João Baptista.
  - SS. Apostolos, S. Pedro e S. Paulo.

35) No dia 2 de agosto — Indulgencia da Porciuncula, Plenaria, todas as vezes que desde as 1.<sup>as</sup> Vesperas até sol posto d'este dia se visitar alguma egreja ou oratorio publico da 1.<sup>a</sup>, da 2.<sup>a</sup> e da 3.<sup>a</sup> O. regular, ou tambem alguma egreja ou oratorio publico onde está já erecta canonicamente a Ordem Terceira, — comtanto que estejam confessados e commungados, e orarem como se disse acima.

36) Todas as vezes que recitarem 5 *Padre Nossos*, *Ave Marias* e *Gloria Patri*, mais um *Padre Nosso* pelas intenções do Summo Pontifice, podem lucrar as mesmas indulgencias que lucrariam se visitassem as Estações de Roma, da Porciuncula, a Terra Santa, S. Thiago de Compostella.

37) Recitando a corôa Seraphica, chamada das 7 alegrias de N. Senhora, ou dos 7 gozos, lucraram a indulgencia plenaria concedida á 1.<sup>a</sup> Ordem de S. Francisco.

38) No dia 16 de abril, se renovarem a profissão por ser anniversario da Profissão de N. P. S. Francisco, — ou se estiverem legitimamente impedidos, na domingo seguinte, tendo-se confessado e commungado.



### Indulgencias Parciaes

- Indulgencia de 7 annos e 7 quarentenas, visitando a sua Egreja e orando devotamente nos
- Desposorios de N. Senhora.
  - Visitação.
  - Apresentação no templo.
  - Invenção e
  - Exaltação da Santa Cruz.

\*

Finalmente concede-se aos mesmos Terceiros, quando estiverem doentes ou em convalescença, e não poderem commodamente sair de casa, que possam lucrar todas e cada uma d'estas indulgencias, comtanto que recitem 5 vezes o *Padre Nosso* e *Ave Maria*, e orarem pelas nossas intenções, como acima fica dito.

\*

São estas as indulgencias plenarias e parciaes concedidas pelo Summo Pontifice Leão XIII, pelas Suas Lettras Apostolicas e na fôrma de Breve no dia 1 de setembro de 1901.

Mas pela sua constituição *Misericors Dei Filius* de 30 de maio de 1883 tinha já concedido as seguintes

### Indulgencias Plenarias

- 1) No dia da entrada na Ordem.
- 2) No dia da Profissão.
- 3) Todas as vezes que fizerem exercicios espirituaes pelo espaço de 8 dias.
- 4) Nos dias que receberem a benção papal (dois só no anno).
- 5) Nos dias em que receberem a absolvição geral, isto é :

- No Natal do Senhor.
- Na Paschoa.
- No Pentecostes.
- Na festa do Coração de Jesus.
- Na festa da Conceição.
- Na festa de S. José.
- Na festa da impressão das Chagas.
- Na festa de S. Luiz, Rei de França.
- Na festa de Santa Izabel Rainha de Hungria. (1)

Mas é necessario que se tenham confessado e commungado.

- 6) No dia da *conferencia*.
- 7) N'um dia do mez, á escolha.
- 8) Na festa de S. Francisco (4 d'outubro).
- 9) Na festa de S. Clara (12 d'agosto).
- 10) Na festa do Santo Protector da Egreja onde é a séde d'Associação.
- 11) Na hora da morte se verdadeiramente contrictos, confessados e commungados invocarem com a bocca ou com o coração o Santissimo nome de Jesus.

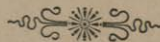
### Indulgencias Parciaes

De 7 annos e 7 quarentenas se visitarem a Egreja séde d'associação e ali orarem pelas intenções do Summo Pontifice, n'estes dias

- Da Impressão das Chagas.
- De S. Luiz, Rei.
- De Santa Izabel d'Hungria.
- De Santa Margarida de Cortoma.
- De Santa Izabel, Rainha de Portugal.
- N'outros 12 dias á escolha com approvação do respectivo superior.

\*

Ha mais privilegios e indultos, que reservamos para os proximos numeros.



(1) Todos estes Santos vêem indicados na *Folhinha Franciscana* e no *Almanach de Santo Antonio*.

## Secção historica

VISCONDE DE POLI

### A REPUBLICA DE SÃO MARINHO

(VERSÃO DO FRANCEZ POR BATAGLIA RAMOS)

#### I

A legitimidade não é forçosamente monarchica; pode ser republicana pois que ella não é outra coisa senão a conservação da lei inicial e fundamental do Estado.

Sob o imperio desta lei, d'essencia divina, porque toda a auctoridade provém de Deus, nasceu a patria; a insurreição contra esta lei verdadeira, vivificadora, necessaria, primordial — *lez princeps*, como diz Cicero, lei que nenhum poder tem o direito de destruir — constitue por consequencia um crime de lesa-patria. Da permanencia nas fórmulas em que o Estado foi constituído, resulta a permanencia da sua verdadeira grandeza, da sua dignidade e da inviolabilidade dos direitos de cada um e de todos.

Salvo em França, pode-se pois ser ao mesmo tempo republicano e legitimista; é esta a situação dos cidadãos de São Marinho, indissolúvelmente ligados á sua antiga constituição, ás nobres tradições e outras crenças que lhes legaram seus maiores; orgulhosamente ciosos da independencia, da felicidade e da dignidade da sua patria, — hoje e hontem, sempre, atravez os dezeseis seculos de existencia; como evidentemente se vê no magnifico trabalho litterario ha pouco publicado pelo conde Montalbo, duque Amadeu, Astraudo e conde Galati di Riella.

Ha perto de quarenta annos, em Lucerna, junto do sublime monumento de Thordwalsen, escreviamos nós, entusiasticamente, um poema á gloria dos soldados martyres em 11 de Agosto, no qual se liam os seguintes versos:

*Nons aimons cette Republique  
Dont l'écusson porte la Croix  
Qui sculpte un mausolée épique  
A des Heros morts pour des Rois. (1)*

(1) Oscar de Poli. «Poesies», 1897, tomo II, Le Lion de Thordwalsen, pg. 13.

Amamos tambem esta republica em cujo brazão se vêem tres montes, encimados de torres, com esta tanto laconica quanto eloquente divisa: «*Libertas!*» Liberdade christã, liberdade que principia respeitando os direitos de Deus, salvaguarda infallivel dos direitos dos homens.

«*Elle est là, sur les monts, la liberté sacrée.*»

Ali floresce n'um meio de honra e de fé, de razão christã e de probidade social.

N'esta democracia aristocratica, a falsa egualdade não tem curso legal; longe de querer equiparar os mais meritorios aos menos dignos, a lei de S. Marinho, de accordo com o sentimento publico, folga de recompensar o patriotismo, a dedicação, a virtude e o talento; e com effeito a verdadeira egualdade consiste em recompensar cada um segundo o seu valor.

Assim pois, em lugar de ser tida systematicamente fóra das funções publicas, privada de toda a influencia e como que exilada na sua propria Patria, a nobreza goza justamente das devidas honras e exerce, no governo do Estado, um importante papel de que sabe mostrar-se digna pelo exemplo generoso das virtudes civicas, pelo seu apêgo á Constituição e pela sua patriotica dedicação á causa publica.

Tivemos nós a curiosidade de saber como antigamente se falava d'essa republica modelo e nos innumerados documentos manuscritos da Bibliotheca de Paris, apenas encontrámos um do seculo dezeseite, secco como um processo verbal e no qual o proprio nome de São Marinho é ligeiramente estropiado; diz assim:

«A Republica de São Marinho está situada no Ducado de Urbino e cercada pelo Estado ecclesiastico.

«Compõe-se de uma pequena cidade bastante pobre, edificada sobre uma rocha, e de mais cinco ou sete aldeias nas faldas da serra.

«Tem seis mil habitantes.

«Orgulha-se esta Republica de conservar a sua independencia desde a era de 600. O governo é aristocratico. Esteve a ponto de perder a sua autonomia, em 1679, por cauza de uma intriga. Tem-se collocado sempre sob a protecção dos Imperadores e dos Papas, a fim de contar com a amizade de ambos os partidos.

Um dia, alguns mal intencionados fo-

ram ter com o cardeal Alberoni, a quem se queixaram dos magistrados de São Marinho, pintando-os como verdadeiros tyrannos. O cardeal, contando reunir a republicasinha á Santa Sé, prometteu-lhes o seu apoio. Então entrou em São Marinho, suppondo que apenas faltava tomar posse para realizar os seus designios; uma parte dos habitantes recusou prestar juramento ao enviado pontificio, para conseguir o que, se usou de alguma violencia. O Papa soube-o e ordenou immediatamente que se deixasse tudo como estava d'antes!



VISCONDE DE POLI

Foi justo! Causaria acerba dôr na christandade vêr S. Pedro em guerra com S. Marinho!

## II

Dizendo-se que Veneza sobreviveu a todas as republicas d'Italia, esquece-se que a peninsula conserva uma republica que sobreviveu a Veneza e que ainda não cessou de viver.

Nas primeiras vertentes dos Apenninos, a tres leguas de Rimini, n'uma atmospherá embalsamada de campezinós aromas e bri-

sas maritimas, ergue-se perfeitamente a pique, magestoso no seu isolamento, um grande rochedo de granito cujo selvagem esplendor surprehende o olhar, impressionando o pensamento.

A' medida que o viajante sobe os primeiros degraus do formidável macisso, vê rasgarem-se-lhe deante dos olhos deslumbrantes panoramas; avolumarem sombrias anfractuosidades. Dir-se-ia um gigantesco letque de marmore; com effeito as suas pedreiras são de ha quarenta annos a esta parte fornecedoras em abundancia de precioso mineral.

Parece, á primeira vista, que só aguias poderiam guindar-se aos frios e aguçados cumes, tão elevados e escarpados.

No emtanto, apenas se transpõem as abruptas rampas que lhes dão accesso, entrevê-se por entre brumas azuladas, no cimo do phantastico gigante de pedra, uma enorme quantidade de torres e campanários.

E' a capital da Republica de S. Marinho.

O leitor não é decerto do numero d'aquelles politicos superficiaes e desdenhosos, para quem o principio da soberania só começa nos povos que contam alguns milhões de almas — exactamente como para a duqueza de Luxembourgo o homem apenas principiava no barão.

Esta negação pouco reflectida do direito dos fracos não fructifica n'um espirito generoso.

Não é a extensão, isto é, o poderio que faz o direito da soberania, não; é a faculdade de uma nação poder governar-se a si propria, em summa a liberdade.

«Cada estado da Europa, dizia o visconde de Cormenin, em 1848, tem hoje a sua nacionalidade distincta. A Republica de S. Marinho que só conta 7:000 almas (1) é tão respeitavel como o colossal imperio da Russia que tem 60 milhões, e, se invadissemos S. Marinho, eréis tão criminoso aos olhos de Deus e dos homens, como, se, sem

(1) Quasi 12:000 actualmente; considerando que a superficie da Republica é de 62 kilometros quadrados, constata-se uma densidade de população de 183 habitantes por kilometro quadrado, isto é, o pequeno estado de S. Marinho é um dos mais povoados da Europa; tanto assim que o seu governo está pensando em organisar, prudentemente, uma emigração que obvie a males futuros.

provocação, fosseis deitar cêrco a Vienna ou a S. Petersbourg (1).

Em toda a parte o direito é o direito. Tanto reside na debil cabeça de uma creança como na fronte viril d'um homem feito».

A historia, em face de poderosas nações vencidas pela conquista, aponta-nos pequenos povos salvaguardando com uma valiosa obstinação a independencia da sua minuscula soberania.

Ninguem negará que as mais pequenas d'estas valentes nações, hão sido maiores que as poderosas que se deixaram vencer e conquistar.

### III

Tem-se dito: felizes os povos que não possuem historia!

A Republica de S. Marinho tem historia e até muitos historiadores, -- Matteo Nalli, Auger de Saint Hippolite, Delfico, Noël dos Vergers, Alfred de Bargy, e duque de Bruc, Marino Fattori, o conde de Montalbo; mas, a despeito de tudo, é uma nacionalidade muito feliz, hereditariamente feliz, e, quem sabe? talvez que tenha havido grandes imperios que invejassem a socegada prosperidade d'esta miniatura de republica, cuja piedosa origem a lenda christã nos vae descrever.

Gaudencio, bispo de Rimini, no quarto seculo, tinha como cooperador um dalmata chamado Marinho, que de simples pedreiro se havia elevado pelas suas virtudes á dignidade de diacono.

Era por este tempo que o arianismo, protegido pelos imperadores, inquietava as almas e perturbava a christandade.

Invulneravel na sua orthodoxia, Marinho, sem duvida depois do martyrio de seu glorioso prelado, refugiu-se não muito longe de Rimini, n'uma solidão quasi inacessivel, n'um deserto de rochas de marmore, nos cumes pontegudos do monte Titan.

Um certo numero de ovelhas de S. Gaudencio, para recatarem a respectiva liberdade de consciencia, seguiram o virtuoso diacono, que lhes ensinou o seu antigo officio de cabouqueiro e pedreiro. Assim se formou uma communiidade de cidadãos, santificada pelo trabalho e pela oração, uma especie de republica honesta, pacifica e industriosa.

(1) Ou Pretoria.

Eis a lenda de S. Marinho; longe de nós a idéa de levantar a seu respeito a mais leve suspeita; é ella tão simples que nada repugna acreditar-a como verdadeira, mas crêmos firmemente n'um anachronismo relativo á sua plena soberania, que só se nos afigura começar a existir, quando muito, no nono seculo, por occasião dos imperadores do Oriente e do Occidente disputarem a soberania de certas partes da peninsula italiana. Viu-se então Veneza recusar a sua submissão a um tratado pelo qual o Cesar de Byzancio a cedia a Carlos Magno.

No seculo oitavo, S. Marinho estava sob o dominio de Pepino, que, a nosso vêr, o havia transmittido ao pontifice, juntamente com Montfeltro, Urbino, Gubio, Serravalle e dezeseite outros logares.

No emtanto, em abono da verdade, devemos lealmente declarar que essa doação é formalmente contestada em S. Marinho mesmo, como se vê da carta que adeante transcrevemos e com que fômos honrados por um dos regentes da republica, em seguida á publicação do nosso primeiro estudo historico ácerca de S. Marinho:

(Brazão) *Reggenza della Repubblica de S. Marino*

S. Marinho, 31 de maio de 1886.

Exc.<sup>m</sup>o Snr. — Recebi o seu livro ácerca da Monarchia e das Republicas (1) e li com muito interesse o capitulo que diz respeito á Republica de S. Marinho.

Apezar de conter a erronea affirmação de que S. Marinho foi comprehendido na doação de Pepino, todavia, pelas considerações que desenvolve e pelas amaveis expressões que encerra respeitantes ao governo e ao povo de S. Marinho, merece ser apreciado tanto ou mais que muitos outros opusculos tão mal informados das coisas do nosso paiz.

Queira acceitar os meus agradecimentos e o protesto da mais elevada consideração.

O Regente, *D. Fattori*.

O ermeterio do bem aventurado pedreiro tornara-se n'um mosteiro, em redor do qual se agrupavam humildes habitações.

(1) Oscar da Poli, *La Royauté, Les Républiques*, primeira edição, Paris, in-12, 350 paginas.

Um documento de 885 permite julgar-se que, como em outras cidades de Italia, o abba de do convento era ao mesmo tempo, o chefe temporal da população.

Foi provavelmente a prudente tática dos veneráveis successores de S. Marinho que facultou ao pequeno povo o eximir-se ás duas dominações imperiaes.

E' com isto que nós explicamos a mysteriosa divisa que se vê nas mais antigas imagens de S. Marinho: «Deixou-nos livres de um e do outro homem», a qual ainda hoje se póde lêr, no palacio do Governo, sob a effigie de seu santo fundador.

E' a elle que a republica attribue a sua precoce e perpetua liberdade, ama-o, venera-o com uma fé ingenua e nobre, com um filial reconhecimento, um constante ardor que nem os seculos nem os sophismas enfraqueceram. O seu retrato encontra-se por toda a parte; não só no «Santo Rochedo» onde nasceu o fiel diacono do Bispo de Rimini, não só na sua monumental igreja, mas na sala do conselho de Estado e em toda e qualquer morada.

«Os habitantes de S. Marinho, dizia Adisson, ha perto de duzentos annos, attribuem ao valimento do seu patrono a duração da republica. Consideram-o como o maior santo depois de Nossa Senhora. Li no livro das suas leis uma contra os que falassem desrespeitosamente da memoria de S. Marinho. Tinham o mesmo castigo que os blasphemadores». Esta lei cahiu em desuso porque nunca se soube de ninguem que tivesse a coragem de ultrajar a memoria pura e paternal do santo fundador da sua nação.

Conserva a republica como inestimavel thesouro a cabeça do seu orago; e póde-se dizer que, passados quinhentos annos, é ainda S. Marinho que tem as redeas do governo na mão.

No decimo seculo o povo de S. Marinho figura n'um diploma do rei Béranger II. E' por esta época que são construidas as muralhas de defeza e isso leva-nos a acreditar que data de então a florescencia da sua plena autonomia.

Sem ter de prestar vassalagem a quem quer que seja, a communa institue por esta época os seus dois consules, capitães ou regentes, eleitos de seis em seis mezes, um pela população urbana, outro pela população camponeza. Esta fórma de escrutinio,

sendo pouco complicada, evita, com o auxilio da sorte, as provaveis ou pelo menos possiveis luctas em actos de similhante natureza.

O povo escolhia por aclamação seis candidatos, tres urbanos, e tres suburbanos; depois do que, em cada uma das duas cathogorias, o accaso designava um como consul.

Os consules ou capitães, apenas eleitos prestavam deante dos altares, sobre a Constituição, o juramento de manter e defender a ordem e terminavam invocando o auxilio da Divina Providencia.

Não é um facto tão digno de admiração que, n'um espaço de dez seculos, nem sequer um d'estes altos funcionarios haja attentado contra o Estado? (1).

Não tiveram a mesma sorte Sienna, Genova, Florença e todas as outras republicas italianas!

A Liberdade aprecia os cumes!

Além dos seus dois regentes, o governo de S. Marinho, compunha-se d'um Conselho Supremo, electivo, cujo numero de membros era fixado em sessenta — vinte nobres, vinte proprietarios urbanos e vinte proprietarios suburbanos.

Era, como se vê, uma oligarchia de nobres e proprietarios.

Esta organização subsiste integralmente; sómente tendo degenerado as eleições de seis em seis mezes, em agitações perigosas, o Supremo Conselho, em nome da liberdade, decretou a suppressão do suffragio universal e decidiu que d'ahi em deante, os Capitães Regentes seriam eleitos no seio do mesmo Conselho.

Mas nem por isto foi abolida a assembléa popular; todos os semestres se realisa como antigamente; o direito de petição é illimitado: cada cidadão póde levantar a voz no «aringo», e os magistrados tomam nota das reclamações e das queixas com verdadeiro empenho em que justiça seja feita.

(1) Recentemente, o Conselho Soberano da Republica fez publicar, pela primeira vez, a «Rácolta delle leggi e decreti della Republica di San Marino», n'um volume de 650 paginas, verdadeiro monumento de sabia legislação que revela o segredo da secular conservação d'esta pequena Nação, hoje como sempre absolutamente independente de toda e qualquer potencia estranha. A sua bella moeda de prata é uma das provas de soberania integral.

Uma especie de conselho de Estado permanente, composto de doze membros escolhidos entre os do Conselho Supremo, vigia pela execução da lei e pela boa administração da republica.

O unico juiz é sempre um juriconsulto estrangeiro nomeado por tres annos. E' chamado de fóra para não poder ser suspeito de fazer inclinar a balanço da justiça para o lado dos seus amigos e dos seus parentes.

No que toca ao espirital S. Marinho depende da diocese de Montefeltro; um bom e simples cura basta a este pacifico rebanho.



### PENSAMENTOS

O *magisterio* será respeitado e amado quando fôr o porta-voz d'essa verdade que lateja sob o tumultuar dos seculos e que, uma vez conhecida, incarreira os homens no caminho apertado da virtude.

Ai do educador que em vez de obedecer á verdade, cede ás paixões. O seu ministerio bem depressa attingirá as raias do ridiculo, e no dia em que pensar colher fructos maduros de sciencia, topará o mau estar da sua gente que o abandonara, e um desgosto proprio que lhe encurtará os dias da existencia.

O bom exito do professorado depende da execução de dois capitulos fundamentaes, um que diz respeito ao mestre, o outro que respeita ao discipulo.

Os *mestres* não devem de esquecer, que a verdade não é mais verdade por ser ministrada por elles. Evitem, pois, a affectação, o mercadejar consciencias, o trabalhar emfim *pro domo sua*. Deixarão de ser mestres no dia em que os discipulos lhe pescarem as intenções. Lembrem-se, todavia, que as paixões são optimos meios e instrumentos proveitosos para transmittir a verdade, comtanto que sejam reguladas pela prudencia e não ultrapassem os limites da moderação. O entusiasmo encoraja o orador e surprehe o auditorio. O amor dedicado ás tradições d'uma familia, d'uma escola, d'uma opinião, adivinhará novos argumentos, razões novas, e poderá impôr se aos mesmos indispostos. Mas acima de tudo a convicção e a franqueza.

— Os discipulos não devem de ser tidos na conta de — *taboas-rasas*. Têm como nós direito inalienavel de ser respeitados. Fascina-os o respeito á sua *pequenina* individualidade. Têm tambem elles as suas *pequeninas* glorias. Como são homens, têm como nós faculdades de homem em que estão em germen as grandes virtudes e as grandes paixões os grandes erros e os grandes acertos. Amam e vasam-nos a alma quando são

respeitados E que quereis vós da juventude além do amor e da confiança?



### ANECDOTAS

#### Lição util

No cantão dos Grisons, cantão suiso na maioria protestante, n'uma dependencia do aquartelamento dos soldados federaes, varios calvinistas escarneciam da missa.

Um soldado catholico, por cobardia, imita-os e até os excede.

Os outros protestam indignam-se e solicitam do capitão para que impeça a repetição d'estes ultrages a uma cerimonia piedosa d'um culto reconhecido.

O coronel é prevenido. Na parada, este official, que é protestante, censura todos os auctores d'esta impiedade. Depois chama o soldado catholico, fal-o sahir das fileiras e dita-lhe uma retractação que o culpado repetiu em voz alta. Cinco dias de prisão completam a lição.

E' assim que se procede nos paizes protestantes; mas no reino *fidellissimo*...

Dizem a Calino que uma velhota já tinha feito 108 annos.

— Forte admiração! exclama elle. Ha muito melhor... Minha avó, se não tivesse morrido, contava hoje mais de 130 annos!

N'uma repartição do Estado:

— Você é um asno!

— E você? Ha porventura alguém mais idiota?

— O chefe, intervindo:

— Então, meus senhores, esquecem-se de que estou aqui?

Calino janta n'uma casa de cerimonia. E á sobrezeza vê-se embaraçado seriamente. O dono da casa nota-lhe o embaraço, e vê o de repente começar a comer a fructa com a casca, imperturbavel.

— Não me lembrava, exclama por fim, que sigo o systema de Kneipp...

— Porque comeis de peixe, perguntou em uma meza redonda um official de dragões a um Sacerdote.

— Responderei quando me disserdes porque trazeis calças encarnadas.

— Porque assim o manda a Ordenança.

— Pois eu cômô de peixe porque assim o manda a Santa Igreja.

— Por ventura á sexta feira não é tão boa como nos outros dias?

— E' verdade; porém pergunto tambem: porque pondeis ás vezes um soldado no calabouço a pão e agua?

— Isso é um castigo.

— Pois para castigar os nossos maus extinctos



a Igreja nos manda abster de carne ás sextas-feiras e sabbados.

— Seja assim, mas haveis de concordar que a abstinencia e o jejum é cousa penosa.

— Será; mas tambem haveis de concordar que é cousa penosa trazer um capacete de aço na cabeça como vós trazeis.

— Assim é, mas o capacete nos defende a cabeça dos golpes do inimigo.

— Pois tambem o jejum e abstinencia nos preserva dos nossos inimigos mortaes: o demonio e a carne.



## Leituras amenas

### OS CAVALLEIROS DA MERCÊ

#### I

#### Regresso do Cruzado

**D**ECLINAVA o dia, e os vapôres crepusculares começavam a estender o seu manto sombrio sobre os valles e as povoações, quando um cavalleiro que havia seguido muito tempo as praias do Mediterraneo, penetrou emfim n'uma profunda garganta que serpenteava entre duas ladeiras cobertas de frondosos arvoredos.

Conheciam-se bem, tanto no ginête como no coreél, os signaes d'uma longa e penosa viagem; porem com o rasgado manto e as velhas armas do solitario viandante contrastava seu rosto joven e risonho.

Cheio de impaciencia apressava o passo do seu ginête; olhava com alegria para o caminho, cujas senusidades parecia conhecer; falava consigo mesmo n'uma especie de embriaguez do coração, assomando-lhe de vez em quando um dôce sorriso aos labios, e as lagrimas aos olhos. Chegando a uma encruzilhada do caminho, detêve-se diante d'uma imagem da Santissima Virgem, collocada em um nicho meio arruinado, e juntas as mãos exclamou:

— O' Mãe de Misericordia! Graças á vossa protecção volto a vêr os campos da minha patria. Como vos prometti ao partir para a Palestina, levantarei n'este lugar uma hospedaria para os peregrinos, virei visitar a vossa santa imagem todos os annos, e em memoria do dia do meu regresso, soccorrerei a trinta e tres pobres; comme-

morando os trinta e tres annos que o vosso Santissimo Filho viveu sobre a terra. Bem-aventurada Virgem Maria tende piedade do vosso pobre servo.

Assim Berenguer de Elvaz, dava graças ao Senhor que o havia livrado de innumeraveis perigos. Fiel vassallo de S. Luiz, havia-o seguido para lutar contra os infieis, e depois d'um longo e duro captivo em poder d'um emir egypcio, voltava alfim, depois de haver atravessado os mares, ás praias queridas da Provença, onde o amôr de seus paes o esperava. Pobre realmente voltava, sem outra riqueza que a sua boa espada; vinha cançado e falto de forças para longas jornadas, tinha ainda o seu corpo coberto de feridas mal cicatrisadas, porem alentava o seu espirito a abundancia do lar domestico e a terna solicitude d'uma mãe e d'uma irmã.

Em breve viu desenhar-se entre as sombras as altas torres do Castello de Elvaz, e seu coração palpitava de alegria.

Porem... porque estão escuras as janellas, porque reina o silencio na muralha?

De certo, estão reunidos no salão do Norte, disse o joven cavalleiro para si; — meu pae estará jogando o xadrêz com o capellão, e minha mãe e minha irmã fiando na róca. Breve me ouvirão. E pegando da trombeta de guerra, que trazia a tiracóllo, fê-la resoar com energicos sons, que out'ora indicavam o seu regresso á casa paterna.

Ninguem respondeu. Cheio de inquietação, Berenguer adiantou-se; vê corrido a ponte levadiça; atravessa-a, e ninguem encontrou, nem os servos, nem os soldados. Grita e só o éco responde á sua voz; vae ao pateo das armas e não acha mais que obscuridade e silencio!

— Santo Deus! que succedeu estou sonhando, ou que é?!...

E n'aquelle momento a lua luctando com as nuvens que a envolviam, derramou sobre o castello uma torrente de luz. Olhou Berenguer ao redor, ficando seu coração opprimido debaixo de cruel espanto. Seus olhos apenas alcançavam vêr um montão de ruinas, os tectos haviam desaparecido, das janellas haviam tambem desaparecido os crystaes e as colgaduras; por toda a parte só via montões de escombros; o incendio, o roubo, a destruição e a morte haviam passado por ali!...

Fôra de si, deante d'aquelle espectacu-

lo de desoluição, saltou Berenguer do cavallo, e introduziu-se por uma janella despedaçada na sala d'armas, onde tantas vezes havia recebido de seu pae instrucções para bem manejar as armas.

— Pae! pae! onde estaes?! Minha mãe! Alicia! — Quem vem? replicou uma voz, que sahiu d'um canto d'aquella vasta e tenebrosa morada.

Avançou Berenguer até ao sitio d'onde havia sahido aquella voz, e sua mão estendida na escuridão, deu com o braço d'um homem coberto com péllles de cabra!...

Quem sois! — gritou Berenguer, arastando ao mesmo tempo o desconhecido até á janella por onde penetrava a luz do astro da noite.

Olharam-se um ao outro com terrôr; e o das péllles arrojou-se aos pés de Berenguer oxclamando:

— Sois vós, Senhor! Vós com vida! Não me conheceis!

Não conheceis a Jayme, o Cabreiro?

Sim, bem me recordeo... Porem fala, que significa isto? Meu pae, minha mãe, minha irmã, onde estão? Fala por Deus!

O cabreiro deu um passo atraz, e cravando no joven um olhar de profunda tristeza exclamou:

— Mortos! assassinados por João de Melfort o inimigo da vossa casa!

Fraquearam a Berenguer os joelhos, e apoiou-se contra a parede, sem que seus labios podessem articular palavra.

Falou-se que tinheis sido môrto em Mansurah, continuou o cabreiro, tornando-se fôrte com esta nova, Melfort cahiu sobre nós como o raio, e a mortandade foi geral. Vosso pae morreu defendendo a sua filha, vossa irmã morreu atravessada por um dârdo, e vossa veneravel mãe morreu de dôr. O castello foi saqueado, e os corpos das victimas teriam ficado sem sepultura se d'essa obra de caridade não se encarregassem os bons Monges de S. Bento. Em quanto a mim, deram-me por morto, porem curei as minhas feridas, e em seguida habitei com o meu rebanho debaixo do tecto onde me criei. Nunca acreditei na vossa morte, esperava-vos... Senhor... e tinha mais alguma coisa a dizer-vos...

Fala! disse Berenguer com impaciencia e anciedade.

— João de Melfort vive ainda, e tem um castello, uma mulher e uma filha!...

## II

## O anjo de paz

Ao amanhecer do dia seguinte, pelo caminho que conduzia ao castello de Elvaz, ia um homem coberto com uma tunica branca, sobre a qual se destacava, um escapulario bordado de vermêlho e ouro. Sem deter o passo, parecia contemplar com prazer a sombria selva. os matagaes, as beiras do caminho cobertas de tomilho e rosmaninho e as ondeantes aguas do buliçoso arroyo; e de vez em quando sahiam de seus labios louvores ao Senhor em ternas melodias do Real Propheta. Quando tinha chegado perto dos muros do castello, levantou os olhos para as rôtas ameias e disse para si:

— Entremos na capella para rezar junto dos tumulos abandonâdos. Cruzou a ponte levadiça, e penetrou no pateo, onde viu com assombro um joven, que reclinado sobre a murálha, olhava com sombria attenção para as ruinas que o rodeavam. Movi-do de compaixão, chegou-se perto d'elle, e disse:

Meu filho, que fazeis só, n'estes lugares desertos? Não existem já os senhores d'este castello... Porem estaes pallido e triste! Que é o que vos opprime e contrista? Se tendes fôrme trago pão no meu alfôrge, se tendes alguma dôr tambem intendo alguma coisa de medicina.

Emquanto o bom religiôso falava assim, com terna insistencia, o joven foi levantando lentamente a cabeça, lançando-lhe um olhar frio e tranquillo, mais terrivel ainda que os gritos da desesperação.

— Sou Berenguer de Elvaz, disse afinal, com profunda melancolia.

— Como! é possível! Ainda vives! Ai! a vontade do Senhor, tem-vos reservado terriveis próvas. Porem mais fôrte do que ellas será a vossa fé e o vosso valôr. Mas porque estaes aqui! Tendes parentes e amigos que muito se alegrarão em dar-vos abrigo e moráda... Crêde-me, meu filho, abandonae estes lugares funestos, onde tudo desperta a vossa justa dôr.

— Não me apartarei d'este castello, disse Berenguer com voz concentrada.

O religioso, embora joven, tinha uma larga experiencia dos abysmos que encerra o coração do homem. Advinhava as arden-tes resoluções occultas debaixo d'uma fron-

te tranquilla; as agitações surdas veladas por um sorriso, a paixão escondida n'um peito, o volcão escondido debaixo d'um veu de nuvens. Assim tomando pela mão ao seu interlocutôr, cravando n'elle seus nêgros e rasgados olhos, disse:

— Não quereis abandonar estas ruínas, porque alimentam, não a vossa dôr, mas a vossa vingança, e pensaes menos em vosso pae, que em João de Melfort.

— E que importa que assim seja?

— *A vingança pertence-me, eu a farei por minhas proprias mãos*, diz o Senhor: *Mihi vindictam, et ego retribuam*. Não, meu filho, não é justo usurpar os direitos que o proprio Deus reservou para si; é arrancar ao

culpado por uma morte prematura e violenta o tempo do arrependimento que a eterna Bondade talvez lhe reserve. Digo-vos da parte d'Aquelle que será o vosso Juiz, que a vingança não te pertence. E digo-vos da parte d'Aquelle que será o vosso Salvador, que só na paciencia encontrareis o descanço da vossa alma.

Quando destruireis o castello do vosso inimigo, readificareis o vosso? Quando atravessardes com a espáda o seio de sua mulher e filha resuscitareis a vossa mãe e a vossa irmã do seio da morte! Quando tiverdes carregádo a vossa consciencia com o pêzo que opprime a sua, sereis mais feliz?

— Padre, interrompeu Berenguer, sois



MARQUEZA DE SAMPÃO

um homem de paz, e não podeis comprehender-me.

— Meu filho, antes de ser religioso era um homem guerreiro como vós; antes de vestir o habito, enverguei a couraça e o cinturão dos cavalleiros, e conheci toda a embriaguez dos pensamentos humanos. Fallo-vos como homem que póde julgar da gloria humana, e asseguro-vos, que se existe a vossos olhos certa grandeza n'uma vingança inexoravel, ha outra muito mais nobre na graça do perdão que triumphá, não d'um inimigo abatido a vossos pés, mas da paixão altiva do vosso coração.

— Padre, não podeis comprehender-me, retira-vos. . . . .

— Meu filho, meu irmão, não vos abandonarei, porque a hora da desesperação não é a das boas resoluções. Deus me enviou aqui, bemdita seja a sua providencia que nada faz em vão!

— Porem vós — exclamou Berenguer, vós que me aconselhaes que perdoe como um covarde, sabeis o mal que me fez aquelle homem?

Sabeis que, depois de dois annos do mais terrivel captiveiro, quando voltava cheio de esperanças e alegria, ávido de amôr, trazendo em minha alma uma ternura sem limites para com os meus velhos paes e a minha innocente irmã, e graças a João de Melfort encontrei aqui em lugar da casa paterna, muros derruidos e tres sepulcros!

Vingou sobre um ancião, sobre mulheres, sobre pobres vassállos as offensas de seus antepassados? E não terei eu direito, de pagar luto por luto, dôr por dôr!!... Sabeis que, durante a noite que acábo de passar aqui junto aos tumulos da minha familia, ouvia uma voz querida, que me gritava: Vingae-vos! vingae-vos!. . . E não hei de vingár-me!?

— Não, meu filho; a vossa dôr perturba-vos; conheci aquelles que choraes; vosso pae era um homem justo, vossa mãe uma nobre e piedosa senhõra, vossa irmã um anjo innocente, e os tres ao entrar no repouso dos santos, imploraram o perdão do seu assassino; ostentam sobre a sua cabeça, não a ardente corõa da vingança, mas os ineffaveis thesouros da caridade. Oh! almas bemaventuradas não é a vingança que pedis ao Senhor, mas o perdão para o vosso inimigo; porem o vosso filho,

o vosso irmão, ligado ainda aos vinculos da carne não póde comprehender-vos! . . .

— Vossas palavras fazem-me mal, disse Berenguer, e contudo a vossa voz é a voz d'um amigo.

— Não o duvideis, meu irmão; vossa dôr, da qual eu fui o primeiro confidente, une-nos para sempre. Em nome d'essa amizade que me tendes inspirado, concedei-me um favôr. O nosso mosteiro não está longe d'aqui; dignae-vos acceitar n'elle a hospitalidade; a nossa casa será a vossa casa, ali encontrareis a paz e irmãos, vinde comigo.

Abandonae estes sitios malditos, e vinde para a moráda onde o Senhor vos convida.

— Quem sois? Qual é o vosso nome meu amigo?

— Pedro Nolasco de Nossa Senhora da Mercê.

(Continúa)



## Culto de Santo Antonio

### O Pão de Santo Antonio

#### DECLARAÇÃO

A Redacção da «Voz de Santo Antonio», julga oportuno repetir aqui as declarações já feitas por mais d'uma vez:

a) A instituição do Pão dos Pobres de S. Antonio, posto que seja obra dos Franciscanos funciona independentemente da sua direcção. Poronde,

b) As esmolas depositadas nos cofres de S. Antonio nem são para a «Voz de Santo Antonio», nem para os seus directores e collaboradores, nem para os Franciscanos como aleivosamente aventaram muitos jornaes, mas são exclusivamente para o Pão de Santo Antonio e para obras de caridade promovidas pela commissão administrativa, á qual só cabem as responsabilidades do bom ou mau emprego das ditas esmolas.

c) A «Voz de Santo Antonio», dando publicidade ás muitas cartas de agradecimento que apparecem nos cofres de Santo Antonio, tem só em mira dar gloria a Deus e ao Santo de que é orgão mensal. Não explora a credence do povo, mas fomenta o espirito de piedade. E se muitas das cartas que publica não têm a orthographia e a grammatica desejadas, e empregam indistinctamente o nome de graças ou milagre, não são da redacção as responsabilidades, mas dos proprios signatarios.

De resto a Redacção da «Voz de Santo

Antonio», para se conformar com os decretos de Urbano VIII, declara mais uma vez, que não pretende dar aos factos narrados no Culto de Santo Antonio senão um valor meramente historico, deixando á Egreja o julgar da sua authenticidade.

## BRAGA

## AOS AMIGOS DE SANTO ANTONIO

Pedimos mais uma vez que não se esqueçam de indicar em termos claros e precisos a graça ou graças recebidas de Santo Antonio, para que dignamente se possam publicar na «Voz» em honra e louvor do grande Thaumaturgo.

Confrontando a receita enorme das esmolas mensaes ao Santo para o Pão dos Pobres com as cartas de agradecimento, vemos que a maior parte das graças não vêem ao publico, o que não pôde ser agradavel a Santo Antonio; pois é justo que atteste o seu reconhecimento quem recebe os favores.

*Meu querido Santo Antonio.* — Vou junta com esta ao vosso altar, agradecer-vos da minha alma a graça tão grande, tão grande que vós me fizestes. Quanto vos devo, adorado Santinho do meu coração! Quanto vos peço, tudo me tendes feito. Envio-vos 1\$000 réis para o pão dos vossos pobres, que vos prometti por esta ultima graça que me alcançastes, que só eu e vós, meu querido Santinho sabemos... — *Carolina de Jesus Magalhães.*

## FEIRA

*Snr. Director.* — Rogo a V. o favor de mandar publicar esta carta na «Voz de S. Antonio».

O anno passado, (1901) vinha eu soffrendo muito do lado direito, o que me fazia suppôr que tinha o pulmão affectado. Chegou porém, o mez de março e o soffrimento augmentou, principiei com a familia o mez de S. José e sempre pedia me livrasse de tal incommodo que bem precisava. No dia 9 de março do mesmo anno a dôr era terrivel e julguei morrer com alguma congestão pulmonar, pois não podia respirar. Emfim tratei de me preparar como pude para a morte.

Mas vendo que não me podia confessar, levantei os olhos para um quadro de S. José que estava junto de mim, e lhe pedi se me livrasse de tal incommodo que mandaria publicar a graça na «Voz de Santo Antonio». Peguei n'uma pequenina estampa de S. José, encostei-a ao lado doente, e d'ahi a poucas horas estava livre completamente de tão perigosa enfermidade.

S. José alcançou-me de Jesus e Maria a graça de voltar ao meu estado normal de saude.

Deixei passar todo o anno a vêr se me tornava a dar a mesma dôr, mas até hoje felizmente nada sinto. Venho pois por este meio agradecer ao meu querido S. José a grande esmola que me alcançou do Bom Deus.

Seja tudo para maior honra e gloria de Deus e do nosso S. José. — *H. F., assignante da «Voz».*

## LIVRAMENTO

*Snr. Director.* — Rogo-lhe a fineza, de publi-

car na «Voz de Santo Antonio» o que lhe agradeço, o seguinte :

— *Meu querido protector Santo Antonio.* — Venho agradecer ao meu querido Santo Antonio, e ao mesmo tempo pedir-lhe perdão de não ter já publicado na «Voz» as graças obtidas de Santo Antonio; mas estou certa que o meu querido Santo me perdoará e me continuará a proteger.

Envio para os pobresinhos de Santo Antonio 3\$000 réis por graças obtidas. — Livramento. — *Maria da C. Santos.*

## LIMÕES

*Glorioso e grande Santo Antonio.* — Venho publicar no vosso jornal, como vos prometti, as duas graças que do Senhor me obtivestes. Uma foi a cura d'aquelle menino que estava n'uma tortura que não posso nem sei explicar, o que causava grande amargura aos paes; logo que se prometteu a vós de dar uma esmola para o pão dos pobres e publicar a cura, elle ficou livre do mal, sem nada fazer, e continua são. A outra graça, foi livrar uma familia que me era cara, d'um grande mal que lhe estava imminente. De todo o coração vos agradeço e louvo por todas as graças que me tendes feito e peço-vos que continueis a proteger-me sempre, e que me alcanceis as que preciso para a minha salvação. — *Uma devota vossa, E. C. T.* — 15 4 902.

## TORRES NOVAS

Do nosso dedicado correspondente recebemos para o Pão de Santo Antonio a quantia de 1\$200 réis, mais 1\$600 de D. Maria Delfina de Jesus Reis da Silva, importancia de quatro devotas do mesmo Santo: 1\$000 réis d'uma senhora que alcançou cura milagrosa para uma sua filha desesperada dos medicos; 500 réis em agradecimento a Santo Antonio por ter dado saude a uma outra pessoa, e 100 réis por beneficios feitos a um devoto.

## CABECEIRAS DE BASTO

*Snr. Director da Voz de Santo Antonio.*

Maria dos Prazeres Oliveira, remette a quantia de 1\$000 réis, sendo 500 réis para uma missa, pedindo que seja celebrada no seu altar nos Terceiros, no dia 3 do corrente; sendo os outros 500 réis lançados na caixa das esmolas.

Assignante da *Voz.* — *Maria dos P. O.*

## VILLA NOVA DE GAYA

*Snr. Redactor da Voz de Santo Antonio.*

Ha tempos desapareceu de minha casa um objecto d'ouro. Prometti a Santo Antonio 1\$000 réis se elle apparecesse; appareceu, cumprindo a minha promessa aqui os mando para V. se dignar entregar-lh'os.

De V. etc. — *Joaquim Augusto de Souza.*

Villa Nova de Gaya, 25 de março de 902.

## MEZÃO-FRICO

— *Meu querido Santo Antonio.* — Muito vos agradeço tudo quanto me tendes feito. Aqui vos mando os 500 réis que vos prometti. — *Luiza.*

*De diversas partes :*

Quantias recebidas n'esta Redacção e levadas ao seu destino :

Mezão-Frio — Luiza . . . . .	500
Villa Nova de Gaya — Joaquim Augusto de Souza . . . . .	1\$000
Cabeceiras de Basto — Maria dos Prazeres O. . . . .	1\$000
Torres Novas — José R. dos Santos Gomes . . . . .	1\$200
Açôres-Pico—Arthur d'Oliveira Mesquita . . . . .	1\$500
Villar-Secco — D. P. Amelia de M. . . . .	200
Torres-Novas — D. Maria Delfina de Jesus R. da Silva . . . . .	1\$600
Villa do Conde — Azurara José Gonçalves das Neves. . . . .	5\$000
Melgaço — Superiora do Hospital . . . . .	300
Fregim — P. Bartholomeu . . . . .	500
Livramento — Maria da C. Santos. . . . .	3\$000
Um estudante. . . . .	500

Os cofres do Pão dos pobres de Santo Antonio

Braga. — Em março . . . . .	185\$015
Covilhã. — Em janeiro . . . . .	12\$570
Em fevereiro. . . . .	3\$025
Em março. . . . .	1\$980

Curytiba. — De fevereiro a 21 de março de 1902.

## RECEITA

Das Zeladoras . . . . .	73\$500
Mensalidades. . . . .	12\$000
Esmolas na igreja do Bom Jesus. . . . .	72\$740
Alguns devotos . . . . .	11\$900
Rev.º P. Archanjo Ganarini . . . . .	25\$000
Rev.º Conego Celso Itiberê da Cunha . . . . .	1\$000
Antonio C. de Araujo . . . . .	1\$000
De Jacarésinho . . . . .	5\$000

202\$140

## DESPEZAS

Pago aos fornecedores . . . . .	232\$100
---------------------------------	----------

*Novos membros da Pia União*

Continuaremos na primeira oportunidade a publicar em quadro synoptico o movimento da Pia União de Santo Antonio.

Os novos associados entrados nos ultimos tres mezes passam de 3:000

*Recommendações especiaes*

As ordens religiosas em Portugal.

Os collegios catholicos.

As missões no ultramar.

Quatro conversões.

A cura d'um enfermo.

A cura d'uma enferma (a pedido do nosso bom assignante José de Castro Gavinha, de Coimbra).

Duas vocações.

Tres almas.

Todas as petições depositadas nos cofres de Santo Antonio.

Uma familia desolada.

Um sacerdote.

## Secção scientifico-litteraria

## QUADROS BIBLICOS

## ESTHER

## II

O imperio Persa depois da tomada de Babylonia, e alargados os seus dominios com a conquista do Egypto, tornou-se um dos mais poderosos, avassalando immensos povos, aos quaes não só sujeitava ao captivo, mas expoliava das riquezas, que se amontoavam em seus thesouros.

Cyro, como já referimos, era mais liberal e mais justo; politico mais habil pretendia á sombra de garantias concedidas, captar as sympathias dos estrangeiros.

A vida d'aquelles povos tivera outra orientação, formando gerações habilitadas, não só para as grandes lutas da guerra; mas ainda para o pleno exercicio da justiça. Todos os homens validos eram divididos em classes distinctas. Os adultos e as creanças caminhavam-se para uma grande praça ao romper da aurora.

Os novos dormiam vestidos cingindo as suas armas e obedecendo aos seus chefes.

Nas praças publicas os mancebos exercitavam-se na applicação da justiça, n'aquelles casos em que a sua intelligencia já podia decidir um erro.

A sua alimentação era simples, agriões, agua e caça. Aos cincoenta annos terminava esta grande educação pratica, e então, já com a larga experiencia podiam resolver as mais levadas questões.

Aos cincoenta annos terminava esta vida pratica, e então já com a larga experiencia podiam decidir as mais levantadas questões.

Mas este periodo passou e os costumes alteraram-se com o luxo e a riqueza.

Seguia este grande imperio as leis factaes da historia.

Aos dias das mais esplendidas victorias, em que a espada do conquistador submettia os povos á escravidão, firmando imperios collossaes, que pareciam nunca mais desapparecer, seguiam-se depois os dias nefastos, a sua completa anniquillação.

Cortes das mais orgulhosas, cidades das mais bellas, cercadas de muralhas de bron-

ze, jardins suspensos e encantados, palacios tão ricos, em que até as telhas eram de prata e encrustadas em ouro, tudo enfim que pôde completar a maxima grandeza, tudo isto desaparece e se anniquilla, como se fóra um sonho.

Mas cada povo tem a sua missão a cumprir na marcha dos seculos; finda ella ou morre ou fica na sombra, esperando talvez melhores dias, quando os seus erros passados lhe servem de lição proveitosa.

Roma avassalou o mundo com a espada dos seus generaes, com as suas leis e os seus costumes, que soube radicar nos povos que sujeitava ao seu poder.

Mas cahiu para dar lugar a uma outra civilização mais justa e mais humana.

Os nomes de muitos dos seus imperadores ficaram na historia como as paginas mais negras.

Ha só um imperio que se não derruba, que atravessa as seculos, e em cada um d'elles mais se alevanta e consolida, é o que se firma na Fé, que o Christianismo veio implantar n'uma religião toda de amor e doçura. Esta vive e viverá em todas as almas de crentes, porque a sua força está na Cruz, arvore do bem e da justiça, que tem nos seus braços escriptas as palavras — fraternidade e perdão. --

Têm os legisladores antigos e modernos escriptas volumosas leis para regenerar povos, mas ellas são constantemente alteradas, porque mal podem satisfazer as necessidades publicas.

Muitas d'ellas são por vezes injustas e até barbaras.

São obras humanas.

Mas o Codigo admiravel escripto pelo supremo Legislador, aquelles preceitos suavissimos, preferidos pelos labios divinos de Jesus, são eternos, immitaveis.

Nunca serão velhos; serão sempre novos.

N'elles se encontra a suavidade e a justiça. O rico lá encontra o conselho para o encaminhar na estrada da vida, no meio dos seus prazeres e do seu fausto; o pobre encontra o conforto e a esperança. Sorrisos para as suas lagrimas, alivio para as suas dores.

Imperio do Amor, reino da justiça, deixae cair os imperios aonde só domina a ambição e o orgulho: seguem as leis da fatalidade historica. Outro mundo, outra vida mais ampla de luz, guarda o futuro, um futuro sem sombras, nem dôres.

Tal é a vida, a vida dos grandes povos, muitos d'elles hoje extinctos.

Civilizações que assombraram o mundo, espadas que pareciam um raio exterminador, como a de Alexandre e Napoleão.

Nomes que foram grandes e tão grandes que ainda hoje se repetem, que se não extinguem, porque a historia os guardou nas suas paginas.

Mas a sua obra, foi uma gloria passageira, deixando apenas ruinas, sangue e lagrimas. Revoluções enormes que se levantaram em nome da justiça, de direitos anegados, aspirando a sua festa universal de fraternidade, cahiram, porque foram a negação das doutrinas expostas. E' que o seu ideal era apenas uma aspiração humana; entrava n'estas concepções apenas a rasão, desligada da alma, sem o sentimento de crenças mais vivas e mais firmes.

Quando os povos á sua ideia grande de expansão reúnem os pensamentos de uma moral fraternal e justa, esses não morrem, porque a sua obra interessa a todos, e a todos presta um auxilio civilizador.

Rasgando mares desconhecidos, implantando em regiões distantes os sentimentos da Fé e da justiça, contribuem para essa grande cruzada de que mais tarde ha-de brotar a luz e a verdade.

Se o seu ideal é apenas a conquista e a expolição, embora grandes hoje pela força das suas armas, há depois receber o castigo das vidas sacrificadas pelo mais feroz egoismo.

Eis o que succedeu ao grande imperio Persa, tracejando na sua historia antiga paginas de grandes heroismos, mas offuscadas por conquistadores que deixaram paginas de tantas sombras, onde difficilmente se encontra uma chamma redemptora.



## AO IMPIO

*Impio, verme da terra, que direitoteus para erguer a voz ante o Deus justo?  
Exaltado será o humilde arbusto,  
E o cedro ha de cair, em pó desfeito.*

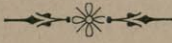
*Não sentes que te pulsa sob o peito  
um coração, de amor sacrario augusto,  
que só deve servir a todo o custo  
para render a Deus o justo preito?*

*Para que ergues castellos ~ impiedade*

*e abalas as columnas da verdade?  
A escalar o céo te determinas?*

*Estulto! Abate a frente! Pois que podes?  
— As columnas do templo tu sacódes,  
mas ficarás debaixo das ruínas!*

PADRE NUNES TAVARES.



## BIBLIOGRAPHIA

### Luctas da Penna pelo Padre Senna Freitas.

Não é um livro novo, que o illustre polemista catholico apresenta ao publico. São varios artigos versados na imprensa catholica de Portugal e Brazil; varios assumptos sobre a religião, philosophia, critica litteraria etc., etc.

Senna Freitas, fez uma colleção das suas lides jornalistas, reuniu-as e deu-lhe o nome de *Luctas da Penna*. Guerrilheiro intrepido, com uma força ainda prodigiosa de espirito, Senna Freitas não quer depôr a cervelheira que ha tanto tempo tem envergado, para defender a causa catholica.

Luctas!... sim é com a lucta exforçada e firme, que apoz innumerous combates se alcança a victoria. Bem haja pois o illustre escriptor, em patentear ao publico, que tanto necessita de boas leituras, as suas *Luctas da Penna*.

Que diremos do presente volume que encerra 302 paginas, brilhantes na litteratura e profundas na sciencia? — Que é de Senna Freitas e está feita a critica!...

O presente volume encerra duas partes; na primeira parte temos as reflexões philosophicas, politicas e litterarias. São artigos sobre assumptos varios. — I Caça ao materialismo. — II A philosophia positiva e o espiritualismo. — III Uma polemica mansa. — IV Receita e despeza litteraria. — V Luz ao povo. — VI Duvida e crença. — VII Renascimento Catholico. — VIII A Cruzada do Bem contra o Mal. — IX Emancipação da mulher. — X Nephelibatismo. — XI A noção da vida. — XII — Dreyfus. — XIII O reinado do canhão. — XIV O relance d'olhos sobre o Judeu. — XV O Judeu Ghetto e de Berlim. — XVI As más linguas.

A segunda parte trata dos juizos criticos. — XVII O Doutor Lombroso e o seu systema. — XVIII Conventos e Collegios, por Santos Guerra. — XIX O *Pimpão*. — XX Taxil. — XXI A Torre de Belem e os Vandalos Modernos. — XXII Lourenço Marques. — XXIII A lingua portugueza. — XXIV Camillo Castello Branco. — XXV Ora o templo! — XXVI O naturalismo na litteratura. — XXVII O povo francez e o seu A'manhã. — XXVIII O Americanismo. — XXIX O Bi-centenario de Vieira. — XXX Decadismo. — XXXI A «Carniça» por Julio Ribeiro. — XXXII «Deus» por Victor Hugo. — XXXIII Juizo posthumo da obra Victorhuguiana.

Todos estes artigos são escriptos com uma sciencia profunda e uma litteratura esmerada. Senna Freitas nas suas *Luctas*, maneja tão bem a arma da methaphisica, como a da phisico-chimica como a do ridiculo. E a facecia tem uma graça na penna do illustre escriptor!... Quando os cosmeticos não valem nada, elle applica o ferro em

brazo aos vendilhões da moralidade publica. Assim é que é; devemos varrer para um monturo essa litteratura parnographica que para ahi tanto abunda. Brevemente apparecerá o segundo volume das *Luctas da Penna*.

Bispo de Bragança — Pastoral sobre o Jubileu Pontifical do SS. Padre Leão XIII e Quaresma de 1902. — Coimbra — Imprensa academica.

E' uma pastoral digna d'um prelado erudito e zeloso. Começa por engrandecer o papado, provando, com verbo eloquente, a sua origem divina pela constancia no procelar continuo dos scysmas, dos erros e das paixões; passa uma vista rapida mas eloquente sobre o estado degradante da sociedade d'hoje, proveniente do pouco acatamento á voz de Pedro, — do papado — relanceia com entusiasmo a benefica influencia do pontificado de Leão XIII sobre o seculo XIX, e depois de lhe exalçar os dotes geniaes, exorta os seus diocesanos a prestar-lhe homenagens de respeito, amor e dedicação.

São 22 paginas dignas de leitura.

De competentia civili in VINCLUM CONJUGALE INFIDELIUM, DOCUMENTIS ADHUC INEDITIS CONFIRMATA. *Auctore Adr. Resemans, Dioc. Bredanae Sac. — Deposito generale, presso la Libreria Cattolica Internazionale Desclée, Lefebvre e c.<sup>1</sup>*

Roma — Via Santa Chiara, 20, 21.

De jure publico ecclesiastico, DISCEPTATIONES HISTORICO — JURIDICAE. *Auctore Francisco Card. Satoli. — Deposito generale presso la Libreria Cattolica Internazionale. Desclée, Lefebvre e c.<sup>1</sup>*

Roma — Via Santa Chiara, 20, 21.

A *Libreria Cattolica Internazionale, Desclée e Lefebvre*, de que muitos leitores já terão conhecimento, é uma das casas editoras internacionaes mais conceituadas na Europa, não só pelo seu abastecimento de magnificas obras em todos os idiomas, mas tambem pelo esmero artistico da impressão que chega a ser esquisito, a ponto das ultimas edições de livros lithurgicos rivalizarem com as mais conhecidas no mundo.

Foi d'esta casa editora que recebemos as duas obras supra mencionadas, com outras de maior valia de que falaremos nos numeros subsequentes.

A primeira d'estas é um pequeno mas bem acabado tratado dos verdadeiros direitos civis ácerca do matrimonio dos infieis, baseado em documentos desconhecidos até hoje da imprensa. Em capitulo preliminar occupa-se dos ditos direitos quanto ao matrimonio em geral.

A solidez, a clareza, e sobre tudo a necessidade, e até indigencia dos conhecimentos n'esta materia theologica, por vezes tão emmaranhada, recommendam no á consideração dos leitores, maximamente jurisperitos e ecclesiasticos.

Esta obra fórma um folheto em grande formato de 100 paginas de nitidissima impressão e optimo papel.

— A segunda é ainda mais importante pelo assumpto.



Occupa-se como, se vê pelo titulo, dos direitos publicos da Egreja sobre a sociedade civil. A Historia, a Theologia, a Phylosophia o Direito são manejados por Satoli nas treze dissertações, de que se compõe o seu grande folheto de 120 paginas, com mestria e acerto. Esta obra, é pelo dizer assim, a Historia juridico-theologica, do genesis desenvolvimento e comprovação publica dos direitos ecclesiastico civis.

Estas treze decertações, de Satoli, publicadas em italiano, e vertidas mais tarde para latim são d'uma importancia palpitante para todo o christão que tem certa posição social, mais saliente, mas principalmente para os ecclesiasticos. Não defender a verdade é opprimil-a, não estigmatizar o erro é approval-o disse alguém e assim é; para as pessoas a quem isto compete por dever é um crime. E não é n'este ponto capital — na lesão dos direitos publicos ecclesiasticos — que mais se combate hoje a Egreja? não é até esta a unica brecha para onde os nossos inimigos dirigem os tiros da sua perversidade satanica? Na obra de Satoli acham as pessoas interessadas na defeza da nossa santa mãe, a Egreja Romana, um poderossimo auxiliar.

Recomendamos pois, não só estas mas todas as outras de que consta o volumoso cathalogo da conceitadissima casa editora de *Desclée, Lefebvre e c.*

**Bibliotheca popular de legislação.** -- *Administração: Rua de S. Mamede, 111 (ou largo das Caldas) — Lisboa.* REGULAMENTO DOS SERVIÇOS DE SAUDE E BENEFICENCIA PUBLICA. (Approvado por decreto de 24 de Dezembro de 1901).

Da mesma Bibliotheca Popular são os seguintes tratados:

ORGANISAÇÃO dos SERVIÇOS DOS OFFICIAES DE JUSTIÇA.

(Approvada por decreto de 29 de Novembro de 1901) — II PARTE: PROPRIEDADE INDUSTRIAL E COMMERCIAL.

(Carta de lei de 21 de Maio de 1896)

— REORGANISAÇÃO das REPARTIÇÕES DE FAZENDA e das RECEBEDORIAS.

(Approvada por decreto de 24 de Dezembro de 1901).

INSPECÇÃO GERAL DO THESOURO.

(Decreto de 24 de Dezembro de 1901).

INSPECÇÃO GERAL DOS IMPOSTOS.

(Decreto de 24 de Dezembro de 1901).

REGULAMENTO DAS ESTAMPILHAS FISCAES.

(Decreto de 24 de Dezembro de 1901).

— Alterações ao REGULAMENTO DO RECRUTAMENTO MILITAR.

II CONGRUAS, III PHARMACIAS.

Os simples annuncios dos titulos d'estes varios tratados de legislação, bastam para recomendar ao publico mais ou menos interessado, em materias de legislação, a BIBLIOTHECA POPULAR DE LEGISLAÇÃO.

Santa Lydvina de Schiedam. — *Tradução de B. da Costa Pereira, Povoá de Varzim, Livraria Povoense — Editora, de José Pereira de Castro.*

E' mais uma obra de solida piedade que esta casa editora lança ao mercado catholico. Praza aos ceus que as pessoas que costumam lêr, augmentem com mais um bom livro a sua estante.

O nome do autor, os elogios dos diarios catholicos, são a melhor recommendação da obra.

Arescentaremos apenas que, não pensem os leitores que lhes encarecemos um tomo de prodigios milagrosos com sabor medieval; a VIDA DE SANTA LYDVINA é pelo dizer assim, um piedoso romance, ou a virtude romantizada, ou ainda todas as scenas porque póde passar o homem n'este vale de lagrimas, quando esquece a eternidade e ella volta, em theatro vivo e animado.

Os leitores da Fabiola, dos Martyres de Chateaubriad, das Fioreti di S. Francesco e d'outras obras semelhantes, não se desgostarão com a leitura d'esta obra.

A verdadeira religião é uma religião de amor.

O SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS.

O APOSTOLADO DA ORAÇÃO. Instrucção pastoral por D. Theotonio, bispo de Meliapor.

Esta longa instrucção pastoral, que enche 37 paginas em grande formato, torna-se recommendavel aos fieis christãos pela piedade eloquente que respira em cada linha. O Snr. D. Theotonio espargiu as ternuras do seu bondoso coração para com o de Jesus, n'essas paginas dignas d'um prelado sabiamente piedoso.

A todos os christãos, maximamente áquelles que andam rodeados d'essa religião fria como o interesse que a sustenta — do protestantismo — muito aconselhamos a leitura d'essas paginas.

Carlos Penalva. — Os Vendilhões da Liberdade. — (Epistola aos homens honrados). A proposito da questão religiosa. — Lisboa Typographia do Echo, 9, Rua da Rosa, 9.

Se a estas horas não tivessem já os nossos leitores relido, milhares de vezes, este grito sincero do coração d'um *homem honrado*, não nos enfiaríamos em dispensar elogios ao seu auctor quer pela fórma litteraria, quer já, e principalmente, pela intenção pura e sincera que o ditou.

As pessoas que ainda o não leram teem n'elle um resumo claro da *questão chamada religiosa*.

Guia pratico e theoretico da Cartilha Maternal ou Arte de leitura, de João de Deus, por João de Deus Ramos.

Como o dá a intender o titulo, este trabalho comprehende duas partes; *guia pratico* e *guia theoretico*. O primeiro é extrahido da Cartilha Maternal; das cartas a Henrique das Neves, e completado pela tradição. O segundo é a assimilação de textos dispersos pelas notas da Cartilha Maternal: pela C. M. e o Apostolado; Cartilha Maternal e a Critica; e Prosas.

Os professores que adoptam o methodo do nosso Lyrico moderno, acharão n'este livrinho um valioso *guia* no caminho bem difficil de ensino das primeiras letras.



## As nossas illustrações

I — CHRISTO VENCE. — Adolpho recebera uma solida educação christã em casa de seus paes. A innocencia e candura da sua alma, os traços sympathicos do corpo e os dotes de espirito faziam-no o brinquinho da familia, o recreio e encanto dos vizinhos.

Chegara porém a idade de entrar na vida real, na vida do trabalho. Tinha dezoito annos,urgia pensar no futuro, assegurar a minguada subsistencia. Adolpho despediu-se da casa paterna com muitas lagrimas e entrou na vida militar.

De uma innocencia illibada, desconhecedor dos ardis do mundo corruptor, e das seducções das paixões, sem conselhos maternos, nem avisos de pae, rodeado de falsos e perversos amigos que se agglomeram em torno d'elle, fascinados pelas suas prendas naturaes, que será da innocencia do menino Adolpho!

Ai! da barca que se metteu a mar alto, em dia de tempestade, sem vela, remo, ancora nem leme!

Ai! da juventude inexperta que se lançou ao mundo sem o amparo paterno!

Manchada uma vez a sua innocencia, tomado o gosto do prazer seductor das paixões, Adolpho corre desenfreadamente, pela ladeira do crime. Crenças, praticas religiosas e dignidade, pudor natural, tudo perdeu o desnordeado mancebo. Não havia prazer mundano que não gostasse. Adolpho—quem o diria — chegou até a perder o amor, o sentimento natural da familia. Havia annos que seus paes não sabiam d'elle.

Bem cedo porém a taça do prazer que o innobiara lhe propinou o veneno da morte.

Gasto pela devassidão e quem sabe, ruído por cruéis remorsos, Adolpho cahiu no leito da morte.

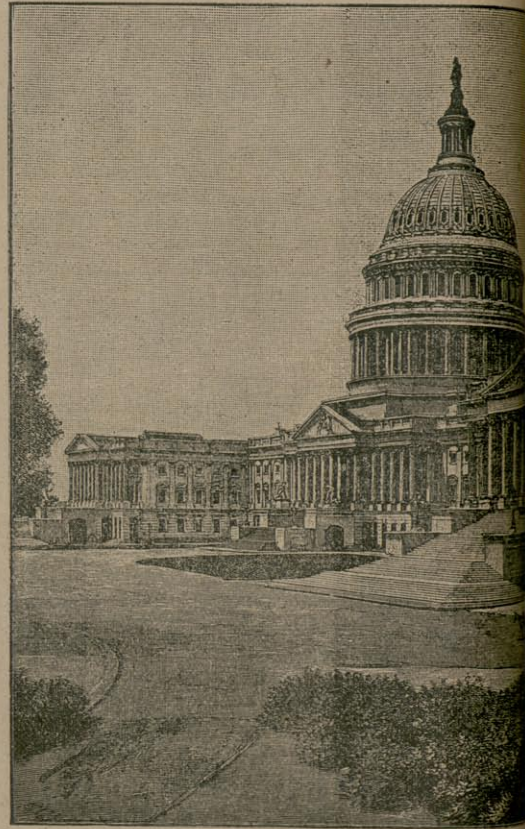
— D'aqui para a cova... — disse desesperando da vida que sentia apagar-se-lhe lá dentro.

Não se enganou.

A molestia agrava-se e a eternidade apresentava-se-lhe deante como um nocturno fantasma de cemiterio.

N'aquelle coração que pulsa moribundo, ia travar-se um horrivel combate. As crenças dos seus primeiros annos, fazem-lhe entrever a vida d'além campá, com todas as

suas pavorosas realidades e batem-se lá dentro com os remorsos da consciencia manchada pelo crime. Lucifer quer assegurar, n'este ultimo lance, a presa, sua á vinte e tres annos: o desespero, e o remorso são as suas armas terriveis. Jesus que deseja salvar o coração que tão bella hospedagem lhe dera no dia da primeira communhão, procura pela bocca do seu ministro, que estreito o moribundo ao peito, lançar gottas balsamicas nas chagas d'aquella al-



PALACIO DO CONGRESSO

ma enferma, raios de luz nas trevas d'aquelle peito.

A batalha continua horrída.

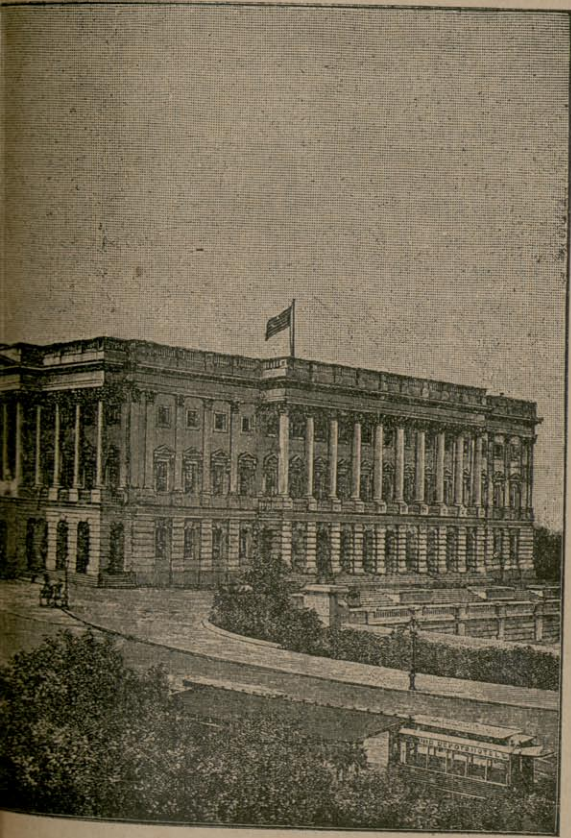
— «Ha um ceu! Sim, ha um ceu!... mas não é para quem renunciou a elle. O inferno, essa masmorra onde se cruciam a fogo lento, os filhos do crime, os sequazes fanaticos da immoralidade publica, o inferno... será a minha morada, pelos seculos infindos da eternidade. Jesus da primeira

communhão, risonho e doce, porque te escondes do coração que innocente te recebeu jubilosamente n'um peito então jardim de brancos cecens?

Innocente... Cala-te coração, ladrão da joia mais estimavel da tua alma, carrasco da tua felicidade, algoz de ti mesmo! Mataste a tua innocencia, mataste a tua alma.

Cala-te, não me tragas á lembrança esses annos de viver feliz.

Que importa o que fui? agora vale-me o que sou.



LO EM WASHINGTON

Cala-te. Vêz, para além da campa, um antro cavernoso entalhado de negras e pesadas sombras? á luz esverdinha das labaredas sulfureas vêz monstros d'aspecto horripilante?... E' lá o inferno, é lá a tua morada, que edificaste nos vinte e trez annos de prazer. Esquece a innocencia d'outrora, que a mataste, o inferno... sim o inferno, te não saia da memoria.

O inferno!... o inferno!...

A perda da esperanza parecia completa e o desalento irremediavel.

Adolpho fôra grande na innocencia, grande no crime, grande finalmente era no desespero.

O ministro de Christo, ameigava-o ao peito, esforçando se por fazer luz n'aquelle peito em trevas, por batalhar por Jesus. Os cantos lyricos de David, que mais exaltam a misericordia de Deus, as parabolias do filho prodigo, da adúltera e outros rasgos de misericordia divina lembrava o zeloso sacerdote ao muribundo:

«Não é perpetua a ira de Deus, nem eterna a sua indignação para os filhos que se doem dos seus desvarios.

«Para estes é tão grande a sua misericordia como a distancia que vae da terra ao ceu.

«Pôz tão longe d'elles as suas iniquidades como o occaso do oriente.

«Amercia-se d'elles como o pae dos filhos que estremece.

— Misericordia... os meus crimes longe de mim... eu filho prodigo!... Oxalá fôra apenas um prodigo... confiaria então. Mas vinte e tres longos annos de... cala-te coração, o inferno, a eternidade, os seculos eternos de horrores, mais nada mereces, mais nada te espera, em nada mais pensas...

A batalha continuava renhida.

E Christo vencerá?

Que assustadora interrogação n'um momento em que a maior certeza humana é uma anciosa duvida?

O sacerdote aperta cada vez mais a si o moribundo; pelega por Jesus, confia n'elle.

O soldado, forte talvez outrora, desalentado porém n'esta batalha ultima, socegara um pouco; parece que um raio de luz começava a raiar na noite tenebrosa do seu espirito.

O sacerdote comprehende que se avizinha o momento da graça e redobra de entusiasmo na exaltação da misericordia divina.

Adolpho escuta tranquillo as palavras inspiradas de quem o abraça effusivamente.

O triumpho de Jesus está imminente.

Pelas faces palidas e maxilentas do moribundo caem duas grossas lagrimas.

CHRISTO VENCE!...

Jesus pela bocca do seu ministro con-

forta o infeliz mancebo, incutindo-lhe na alma sentimentos de dôr resignada, de arrependimento filial.

Os olhos de Adolpho são duas nascentes, as faces encovadas dois lagos de pranto.

O joven desditoso outr'ora, recebia em seu peito, cheio de esperança, o Jesus tão doce e risonho agora como na primeira communhão.

Adolpho sentindo que se lhe abrem as portas da eternidade, vira-se para o sacerdote:

— Escrevei a meus paes; dizei-lhe que lhes digo adeus até ao ceu onde os espero.

Foram as suas ultimas palavras.

O moribundo nunca mais fallou. Depois de varios signaes de confiado arrependimento, morreu nos braços do crucifixo do sacerdote que lhe assistira.

Christo venceu.

Eis o quadro que Llimona, quem sabe, copiou da carta recebida pelos paes de Adolpho, com as côres immortaes do seu pincel creador e que eu bosquejei em quatro borrões.

Possa a juventude aprender n'elle alguma lição. Uma pelo menos: que é muito amargo o prazer do crime, na orlada eternidade: que nem sempre, pouquissimas vezes até, JESUS VENCE.

\*  
\* \*

III — MARQUEZA DE SAMPAIO. — Fez no dia 19 d'abril 83 annos a senhora marquezza de Sampaio (D. Maria Alexandrina de Portugal da Silveira de Barros e Vasconcellos) actual Commendadeira do Real Mosteiro de Santos-o-Novo.

A snr.<sup>a</sup> marquezza de Sampaio, nasceu em Setubal a 19 de abril de 1819 sendo ali baptizada a 1 de maio d'aquelle anno na parochial egreja de Santa Maria da Graça.

Casou em 1858 com Manoel de Sampaio Mello e Castro, 4.<sup>o</sup> Conde de Sampaio e 2.<sup>o</sup> marquez do mesmo titulo, Pár do Reino, Coronel honorario do extincto regimento de voluntarios do commercio, commendador de Christo e da Torre e Espada, commendador de Carlos III, official-mór da Casa Real, viuvo de D. Maria Francisca de Carvalho Daun e Lorena fallecida a 21 de setembro de 1847 (filha dos Condes da Redinha) de

cujo 1.<sup>o</sup> matrimonio lhe nascera, a 29 de junho de 1845, um unico filho Antonio Pedro de Sampaio Mello e Castro que foi depois 5.<sup>o</sup> Conde de Sampaio.

O Marquez de Sampaio falleceu a 18 de fevereiro de 1876 recolhendo-se a snr.<sup>a</sup> Marquezza, sua viuva, n'aquelle mesmo anno, ao real mosteiro de Santos-o-Novo onde desde então tem consecutivamente permanecido sendo ali admirada pela sua extrema bondade e elevadas virtudes.

A snr.<sup>a</sup> Marquezza de Sampaio é filha do 1.<sup>o</sup> casamento de D. Maria do O' de Portugal da Silveira Corrêa de Lacerda (descendente das nobres casas dos Condes de Vimiozo e Marquezes das Minas) com José Augusto Maria Soares de Faria Mascarenhas de Barros e Vasconcellos (apparentado com a casa dos Marquezes de Castello Melhor), filho do erudito escriptor José Joaquim Soares e Barros e Vasconcellos, socio da nossa Academia Real das Sciencias, onde nas respectivas *Memorias* figuram varias publicações suas, assim como das academias das Sciencias da Prussia e de Paris; secretario da nossa Legação em França em tempo do Conde da Cunha; de quem Francisco de Borja Garção Stockler escreveu o *Elogio* e se occupam varios escriptores francezes em obras sobre Astronomia; e de sua legitima esposa D. Maria Izabel Libania de Barros e Vasconcellos (irmã de José Antonio Benedicto Soares de Faria e Barros, celebre pintor por antonomazia o *Morgado de Setubal*).

A mãe da snr.<sup>a</sup> marquezza, (D. Maria do O' de Portugal Corrêa de Lacerda) casou em segundas nupcias com o desembargador Francisco José Barbosa Pereira Couceiro Marreca, senhor de vinculos, que exerceu altos cargos e que deixou varia descendencia que existe em Villa Nova da Cerveira.

Teve a snr.<sup>a</sup> marquezza de Sampaio varios irmãos, entre elles João José Soares de Portugal de Barros e Vasconcellos, herdeiro do *Morgado de Setubal*, que casou com D. Carlota Emilia Barreiros Arrobas de quem teve uma unica filha, já fallecida, que casou em primeiras nupcias com D. Luiz Maria Ximenes, filho do visconde de Pinheiro e em segundas nupcias com Bernardino de Faria Gentil.

Outro irmão da snr.<sup>a</sup> marquezza de Sam-

paio, e o unico de quem hoje existe descendencia, foi o valente tenente coronel de cavallaria do exercito do continente, Governador de Quilimane e Rios de Senna, commandante do batalhão de Zuavos reaes em Moçambique, vogal militar do concelho do Governo, Guilherme Frederico de Portugal da Silveira Barros e Vasconcellos, fallecido heroicamente a 5 de agosto de 1868 como commandante geral do corpo de operações na batalha contra o famoso *Bonga*, sargento-mór de Massangano (no districto da Zambezia). Casou este snr. com D. Ma-

de Faria, não só por ser este o ultimo retrato da snr.<sup>a</sup> marquezia e por ser o unico grupo que existe d'esta illustre dama; mas tambem por ser o snr. Antonio de Portugal de Faria o seu sobrinho mais direito e mais proximo e por quem a snr.<sup>a</sup> marquezia tem uma muito particular predilecção.

\*  
\*   \*  
\*

IV — O CAPITOLIO DE WASHINGTON. — Washington fundado em 1792, é uma das cidades mais novas do mundo, mas por isso mesmo, uma das mais bem situadas, quanto á posição topographica, condições hygienicas e perspectiva de panoramas. Para a construcção dos edificios publicos escolheram-se os pontos mais elevados e de mais amplo horisonte. O capitolio, soberbo palacio, onde reune o Congresso e o Senado corôa a colina central da cidade. E' de estilo neo-classico. Uma grande parte é occupada pela bibliotheca publica.

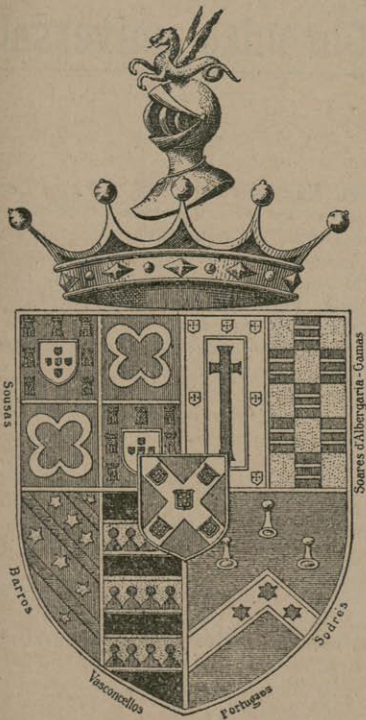
Eis os traços indispensaveis para os meus leitores instruidos apreciarem a presente gravura.

A vós, porém, caros leitores do campo, que pouco se vos dá do que vae para além das raias da vossa freguezia, a vós para quem a igreja parochial é a maior cathedral do mundo, e a casa do Snr. Regedor o mais extraordinario palacio, a vós o que direi do Capitolio de Washington? O que diria d'elle o anacoreta desenganado do mundo, o que é um palacio perante a eternidade: uma sumptuosa ostentação da vaidade humana.

Não cubiceis, honrados camponeses, a riqueza e magnificencia d'essa gigantesca mole. Quantas leis d'alli sahiram perturbadoras da ordem publica, offensivas da liberdade individual, demolidoras da moral evangelica?

Não a cubiceis. N'aquellas extensas galerias, n'aquelles salões immensos, não se ouve fallar de Jesus e da sua religião santa. Eccos blasfemos e perjuros da turba descrente que passa lá fóra na rua, povoão-lhe as abobadas de blasfemias, perjuros e grosserias.

Não a cubiceis. Sob as tres cupulas magestosas que o coroam, não se ouvem preces não se vê orar ninguem. Discussões politicas, questões de interesses mundanos,



BRAZÃO D'ARMAS DA MARQUEZA DE SAMPAIO

ria do Carmo Barreiros Arrobas (irmã de sua cunhada e do conselheiro Arrobas que foi governador civil de Lisboa em 1881). D'este matrimonio nasceu uma unica filha, a snr.<sup>a</sup> viscondessa de Faria, que é hoje a representante em linha recta, do celebre pintor *Morgado de Setubal*.

Reproduzimos hoje no nosso jornal um grupo que a snr.<sup>a</sup> Marquezia de Sampaio fez em setembro de 1896 com o filho primogenito da snr.<sup>a</sup> viscondessa de Faria, o nosso presado amigo Antonio de Portugal

conversações offensivas da caridade e eu sei que mais...

Não a cubiceis. Nas grimpas de suas cupulas não vem em manhãs primaveris descantar madrugadas a andorinha; não lhe chilra sobre os espaçosos tectos o pardal do telhado; não lhe sopram nas sacadas as gemebundas virações balsamicas do campo; nem o doiram as fulvas côres do sol nascente.

Não a cubiceis. Não é a vossa morada campestre um pequeno paraizo? Sentada á sombra do carvalho annoso, que deu sestas a vossos avós, e agora ás vossas filhas que costumam sobre as raizes desumadas do envelhecido gigante, não é a vossa pousada o mais lindo palacio da terra? Não sois felizes sob os seus velhos telhados?

De manhã, acorda-vos a andorinha ma-drugadora, o rouxinol, o assubiar do mel-ro, e a brisa matutina que sopra pelas frestas das janellas. Nas varzeas, durante o vosso trabalho, quanta musica de avesinhas tantas, quantas perfumadas auras, quantas sombras refrigerantes, quantos murmurios de fontes dalcifluas, quantos matizes de floridos campos; quanta alegria e prazer! E quando aos canticos das aves se misturam as cantigas da juventude folgasã, cortadas a espaços pelas anedoctas chistosas do ancião experimentado, què vida mais santa e alegre! A' noite depois da resa da mesa, sãõ os afagos dos filhos, as cantigas do serão, as modas novas do guitarreiro habilidoso, as historietas e contos das velhinhas carunchosas e as risadas de todos que vos alegam; e quando dormis, ainda o môcho, sentinela veladora da noite, vos vem guardar a poissada, soltando espaçada e pausadamente o triste piar.

Que mais podeis desejar? Tendes alegria e saude, tendes o auxilio da Mãe do Ceu, cuja imagem, legado dos vossos avós, pende á cabeceira da vossa cama, tendes em vosso parcho, um doutor que vos ensina o caminho do bem e vos assiste na hora extrema, tendes... saude e graça de Deus, que mais podeis ambicionar?

Não vos importem os grandes palacios: debaixo dos seus abobadados tectos curtem-se grandes remorsos, perpetram-se grandes crimes, accumulam-se grandes dividas para o dia da conta.

Não vos importem. Nossos primeiros paes foram innocentes e felizes fóra d'elles,

Jesus evitou-os para viver na choupana pobre, e os santos anacoretas, para o serem preferiram-lhes o deserto.

Não vos importe pois tambem o vasto Capitolio de Washington. Quando olhardes para esta sua gravura, louvae a Deus que deu genio e talento ao homem para erguer magnificencias artisticas como esta, e deixae correr a vossa vida feliz como até agora, que vos vae bem assim.



## Chronica universal

ROMA

**Nova Encyclica de S. S. o Papa Leão XIII.** — No meio das convulsões sociaes a que estamos assistindo, no meio d'esse degladiar universal de ideas, ha uma voz poderosa, que faz ouvir por todo o mundo as suas palavras de paz e caridade. Leão XIII, tem ainda uma intelligencia de uma lucidez e vigor admiraveis; fortalecido por longas fadigas, encanecido nos combates, torna-se dia a dia admiravel e brilhante.

Mostra-o a nova Encyclica dirigida ao mundo catholico por occasião das festas da Paschoa, porque a sua importancia é d'um ponto profundamente capital.

E' um grito d'alma sahido do peito d'esse Pae amantissimo, dirigido não só aos catholicos, mas aos scismaticos e incredulos, manifestando a dôr que vae em seu coração pela guerra que soffre actualmente a Egreja.

O Santo Padre mostra claramente os estragos que tem feito o scepticismo religioso n'um grande numero de estados, e os terriveis males que tem causado á sociedade e á familia.

O remedio infallivel é voltar immediatamente ao seio da Egreja.

E' para o seio do christianismo que devem fugir todas as sociedades desnortheadas que desejam a salvação e o repouso.

Assim como quando o christianismo penetra n'uma alma a transforma completamente, assim penetrando na vida publica d'um povo, deve transformar esse povo. Com a idea de um Deus que tudo governa, que é sabio, infinitamente bom e infinitamente justo, a consciencia humana concebe o sentimento do dever, soffre resignadamente as suas dôres, modera as suas paixões, e apparecem então os heroes no mundo.

Se o christianismo transformou a sociedade pagã, fazendo surgir d'entre o lodaçal dos vicios a resurreição da virtude, se fez desaparecer a barbarie, assim da mesma maneira, depois dos terriveis abálos da incredulidade fará entrar no verdadeiro caminho os Estados e povos modernos.

Mas, diz o Santo Padre, isto não é sufficiente, a volta ao christianismo não será um remedio

efficaz e completo se n'essa volta não se encontra um amor sincero a uma unica Igreja, santa, catholica e apostolica; porque o christianismo incarna-se na Igreja Catholica, e identifica-se com esta sociedade espirital que é o corpo mystico de Jesus Christo, tendo por representante visivel o Pontifice romano, successor do Principe dos Apostolos. Foi a Igreja que continuou, a missão do Salvador, que propagou o seu Evangelho, e que o defendeu com o prego do seu sangue; é forte com a assistencia divina e com a immortalidade que lhe foi promettida; não faz treguas com o erro, porque é sempre fiel ao mandado de Jesus Christo, de levar a sua doutrina por todo o mundo, e de a guardar até ao fim dos seculos com inviolavel integridade.

Legitima despensadora dos ensinamentos do Evangelho, não se revêla a nós somente como consoladora das almas; é ainda fonte eterna da justiça, que estabelece a verdadeira liberdade e egualdade que podemos ter n'este mundo. Segundo a doutrina do seu divino fundador mantem um sabio equilibrio estabelecendo os justos limites entre os direitos e privilegios da sociedade.

No lar domestico a Igreja não é menos efficaz em seus efeitos prodigiosos, porque ella não somente resiste aos artificios perversos de que a incredulidade lança mão para destruir a vida da familia, mas prepara e salvaguarda a união e estabilidade do matrimonio, protegendo e desenvolvendo a sua honra, fidelidade e santidade.

Depois Leão XIII, pulverisa os sophismas e calumnias que se têm inventado contra a Igreja.

São argumentos irrespondiveis, é uma mão de ferro posta sobre a sciencia positiva que a esmaga energeticamente.

Quanto mais a Igreja, estende o seu zêlo, diz o Santo Padre, para o bem moral e material dos povos, mais os filhos das trevas levantam a sua cabeça orgulhosa recorrendo a todos os meios para macular a sua belleza divina e paralyzar a sua acção vivificante e salvadora.

Quantos sophismas não se têm propagado e quantas calumnias? Um dos seus artificios mais perfidos é dizer que a Igreja é inimiga da sciencia e do progresso, que é hostile á liberdade, que quer usurpar os direitos ao estado. Accusações insensatas, exclama Leão XIII, mil vezes repetidas, e mil vezes refutadas pela razão, pela historia, e por aquelles que têm um coração puro e amigo da verdade.

A Igreja inimiga da sciencia e da instrução? E não é ella a guarda segura do dogma revelado? Não vigia e protege a sciencia e a cultura do espirito. Abrindo a intelligencia ás revelações do Verbo, verdade suprema, e de quem emanam originariamente todas as verdades, o homem não compromette nunca de maneira alguma seus conhecimentos racionais. Pelo contrario as luzes que lhe vêm do mundo divino dão sempre mais poder e claridade ao espirito humano, porque o preservam nas questões mais importantes de cabir em muitas incertezas e erros. Por fim dezanove seculos d'uma gloria conquistada pelo catholicismo em todos os ramos da sciencia, bastam para refutar solememente esta calumnia.

A Igreja é inimiga da liberdade. Ah! como se transtorna a idea da liberdade, que tem por objecto um dos dons mais preciosos de Deus; co-

mo se explora o seu nome para cometer abusos e excessos! Que se intende por liberdade? A isenção de todas as leis e de todos os freios, podendo-se, como corollario commetter todos os crimes e praticar todas as acções. De certo que esta liberdade é reprovada pela Igreja e por todos que têm honra e pudôr. Mas se por liberdade se intende a faculdade de fazer o bem segundo as regras postas pela divina justiça, então essa liberdade, que é a unica digna do homem, e a só util á sociedade, não tem ninguem que a proteja, favoreça e avigore como a Igreja. Foi pela força de sua doutrina e pela efficacia da sua acção que a Igreja arrancou de sobre a humanidade o jugo da escravidão, prégando ao mundo a verdadeira egualdade e fraternidade humanas. Durante dezanove seculos protegeu sempre os fracos contra a arrogante dominação dos fortes; foi ella que reavindicou a liberdade da consciencia christã derramando rios de sangue pelos seus martyres; foi ella que restituiu á creança e á mulher a dignidade e prerogativas de sua nobre natureza, fazendo-as participar em nome do mesmo direito da liberdade politica e civil no seio das nações.

A Igreja não usurpa os direitos do estado, não invade o dominio politico, porque ella sabe e ensina, seguindo os preceitos do seu divino fundador, que se deve dar a Cezar o que é de Cezar e a Deus o que é de Deus; e é por isso que ella ha sancionado a perpetua distincção dos dois poderes: ambos soberanos na sua esphera respectiva; distincção fecunda que tanto ha concorrido para o desenvolvimento e civilisação christã. Estranha a qualquer pensamento hostile a Igreja só visa a marchar parallelamente aos poderes publicos para trabalhar sobre o mesmo individuo, que é o homem, e sobre a mesma sociedade pelas vias que lhe estão traçadas por sua missão divina.

O quadro é doloroso, acrescenta o Soberano Pontifice, mas não devemos desanimar-nos, porque não obstante todas as perseguições continua na sua marcha triumphal engrandecendo a sua missão divina.

Conclue o Santo Padre, louvando o zêlo dos bispos, animando os padres a uma união mais directa e popular, e que nunca desanimem no caminho já começado.

Eis o resumo de tão preciosa Encyclica; será um pouco longo, mas na impossibilidade de a publicar na sua integra, os leitores desejarem conhecer o seu contheúdo para a apreciar como é merecedora.

**Grêves no norte da Italia.** — Em quanto que o Santo Padre envia a todo o mundo catholico os seus ensinamentos, as grêves dos agricultores em algumas terras do norte de Italia, tornam-se cada dia mais aterradoras; é o effeito funesto d'uma geração impia creada debaixo dos auspicios d'um governo franc-maçon.

Em muitos logares os grévistas tem assaltado as casas dos proprietarios, procurando incendial-as; n'outras localidades abandonam os gados sem alimentos.

A populaça está muito excitada ouvindo-se todos os dias canções revolucionarias e encendiaras. Terriveis effeitos d'uma sociedade educada ás sombras *beneficas* do socialismo.

Os jornaes tambem noticiaram um rompimento diplomatico entre a Italia e a Suissa, mas a dar credito ás ultimas noticias, já se entabolaram de novo as relações para ficar tudo em paz. Antes assim porque o demonio anda já muito á solta por esse mundo além.

**Jubileu Pontifical.** — Dizem de Roma, em data de 10 do corrente :

Hoje ao meio dia o Santo Padre, desceu em *portantina* á grande sala das Beatificações, que occupa o primeiro andar por cima do portico de S. Pedro. Uma grande multidão de 3:000 peregrinos accumulava-se ali, composto aproximadamente de 1:300 piemontezes e 1:600 calabrezes, havendo tambem grande numero de estrangeiros, entre os quaes um grande grupo de belgas e outro de francezes.

O Papa subiu para a *sedia gestatoria* á entrada da sala, e abençoou atravessando as fileiras dos peregrinos, no meio dos applausos e salvas da multidão.

Depois assentou-se no throno, preparado ao fundo da sala, tendo a seus lados a nobre cõrte pontificia; á direita e á esquerda viam-se Suas Eminencias os Cardeas Portanova, Arcebispo de Reggio e Tripepi, oreginario d'aquella diocese, depois viam-se onze arcebispos e bispos da Calabria, e em frente dez bispos do Piemonte e de outras dioceses da Italia.

O Papa apresentava um exuberante vigor. Agradeceu aos bispos as homenagens que lhe tributavam, «era uma guarda d'honra que lhe faziam seus veneraveis irmãos» os bispos, que tanto o tem auxiliado. Animou-os a conservarem intactos os thesouros da sua fé; chamou-lhes as attenções para a nova Encyclica que acabava de publicar, e mostrou-lhes de novo com uma dolorosa tristeza os perigos da sociedade moderna que offerece á fé sómente uma atmospheria viciada pelo naturalismo e materialismo. «A franc-maçõnaria exerce por toda a parte o seu vasto dominio, emprega todos os meios para combater a fé e calumniar a Igreja».

O Papa depois de atravessar de novo a multidão que o aclamava com delirio, retirou-se aos seus aposentos.

Os reis e os poderosos cahem victimas d'um punhal assassino, e o Soberano Pontifice, vê aos seus pés milhares de fies, que todos os dias lhe apresentam os seus peitos e venerações: Como é bella a Igreja Catholica!

## PORTUGAL

**Convenio.** — Ha muito tempo que uma nuvem sombria, funerea e infernal envolve a nossa patria, e ao clarão sinistro dos relampagos, signal evidente d'alguna furiosa tempestade, podemos destacar a seguinte palavra, escripta com letras de sangue n'essa nuvem maldita: *Convenio*. — Com letras de sangue!... sangue chupado sem piedade das veias do povo, que derrama desde pela manhã o seu suor sobre uma terra sáfara que só produz cobres para alimentar uma multidão de commissarios regios!...

E' triste, bem triste dizel-o, mas é a pura verdade, caminhamos infallivelmente para o abysmo.

A nossa liberdade, a nossa gloria, a nossa patria, tudo vae arrastado atraz d'esse *convenio*.

Esperem apenas alguns dias, e verão que não me engano.

Quando ultimamente, em poucas palavras é verdade, mas convictas, sahidas d'um peito que ainda se preza de ser portuguez, verberei o *convenio*, não vinha sequer ao meu pensamento que elle se effectuaria nas condicções que por muitas e repetidas vezes vimos criticadas severamente nos jornaes da Capital e Porto.

Porem enganamo nos, porque uma grande surpresa nos esperava. Além d'isso, confiavamos que apresentando o governo nas câmaras os documentos d'esse *convenio* tantas vezes exigidos e tantas vezes prometidos, havendo opposição, como se falava, forte e decidida, o governo cederia á honra, ou seria fustigado para fóra do poder como um traidor. Mas enganamo-nos, repito, porque eu julgava tratar com homens que ainda tinham uma pouca de honra e pudôr, e tratava com saltimbancos que apregoam honra que não têm.

Foi á interpoção do digno par do reino e aguerrido nacionalista, snr. Jacintho Candido, que o governo declarou as suas intenções a respeito do *convenio*.

O snr. Jacintho Candido, perguntou ao governo, se tencionava honrar o compromisso tomado perante a camara e perante o paiz de publicar todos os documentos concernentes ás negociações do *convenio*.

Foi na resposta do presidente do conselho que se conheceram as intenções do governo. Foi um assombro geral. Já de ha muito que se conhece o rebaixamento moral d'este governo, mas que se pudesse chegar a tanto cynismo nunca o suspeitamos. O governo usou para com o paiz, dos mesmos meios que usa o tigre para apanhar a sua preza, ou como o corsario que esconde a bandeira negra, e faz signaes de paz, para depois cahir sobre a sua victima, e cevar-se n'ella sem dó nem piedade. Traidores!!... Viuse que o governo tinha intenção de fazer o que muito melhor lhe parece na sua soberana dictadura, documentos apresentaria aquelles que o publico podesse vêr, e nada mais!

Depois de prometter que apresentaria todos os documentos concernentes á conversão da divida externa e do *convenio*, declarou em plena camara que apresentaria esses documentos quando visse que era tempo opportuno, e o que apresentou foi uma proposta de lei para ser approvada pelas camaras, auctorisando o governo a fazer a conversão da divida externa sobre certas bases.

Os documentos mais tarde serão apresentados, mais tarde quando o festim acabar; mais tarde quando se completar o regabofe; mais tarde, quando se sepultar Portugal no lôdo e na lama!!

E' assim que se começa a *vida nova*, não é snr. governo? Primeiro a orgia, a dissipação, o escandalo e o cynismo, depois quando já não houver remedio sahem á luz da publicidade os taes documentos! Mais honra... mais pudôr,... e menos loucura *senhores dictadores!*

Foi para fugir á apresentação d'esses documentos, e portanto a uma discussão conscienciosa, que o governo do nosso *amigo* Hyntze pediu ás camaras auctorisação para celebrar o *convenio* sobre as bases que quizer: e acrescenta que depois ha de completar todas as negociações com os credores nos termos da lei!!...



Ao assombro segue-se a indignação contra essa phalange de dementados, que já perderam toda a vergonha.

Essas declarações do governo, e das suas *cornêtas*, todas as formulas, todos os regulamentos sobre os tractados e conversões de qualquer indole com os estrangeiros; todas essas situações que o publico aventou, tudo, tudo fica sepultado n'um momento debaixo d'essa espantosa resolução do governo, que foi tomada de proposito para fugir aos debates sensatos das camaras. Enterraram tudo debaixo d'um montão de ruinas; agora por cima podem escrever: *cynismo e traição!*...

E podem todos os jornaes berrar até deitar os bofes pela bocca fóra, e pôde o nosso prezado collega o «Correio Nacional» fustigar sem dó nem piedade o governo e o *illustre* chefe d'elle *senhor* Hyntze Ribeiro; o *convenio* ha de passar com todas as clausulas que o governo quizer. Além d'isso o snr. José Luciano anda sempre ao lado do presidente do conselho para tudo o que fôr deshonra e cynismo, fizeram uma *irmandade santa* que não ha separal-os. Em plenas ruas de Lisboa ha *beijocas* de parte a parte. Mas digam lá os leitores, Portugal está por acaso collocado na lua!...

Apresentamos agora aos nossos leitores, a proposta da lei do snr ministro da fazenda, estabelecendo as bases do *convenio*. Como já era de esperar, o relatorio tem legua e meia de comprido, e é repleto de palavras bombasticas, proprias para arrancar vivas calorosos aos amigos do governo.

Em compensação o texto das disposições é demasiadamente curto.

Mas se é curto é altamente significativo. Eis a proposta de lei:

Artigo 1.º — E' o governo auctorisado a converter a actual divida publica externa, de que trata a lei de 20 de maio de 1893, comprehendendo:

O 3 por cento consolidado.

O 4 por cento amortisavel, emissão de 1890;

e 4 1/2 por cento amortisavel emissão de 1888 e emissões de 1889 nos termos das bases annexas á presente lei e que da mesma lei ficam fazendo parte integrante.

§ unico. O governo dará conta ás côrtes do uso que fizer d'esta auctorisação.

Artigo 2.º — Fica revogada a legislação em contrario.

Secretaria dos Negocios da Fazenda em abril de 1902.

Depois seguem-se as bases que fazem parte integrante a esta lei; como não temos espaço para publicar todas essas bases, reuniremos tudo, apresentando as conclusões principaes que d'aqui, e do mais que já é sabido podemos tirar.

Seguiremos n'este assumpto o parecer do nosso prezado collega o «Correio Nacional».

1.ª — Está bem expresso, em o n.º 9 da 2.ª base, a consignação de rendimentos aduaneiros, fazendo-se ainda por cima a legislação do artificioso decreto de 9 de dezembro de 1898, isto é, ficarão as alfandegas de Lisboa e Porto, obrigadas a depositar no Banco de Portugal por transferencias diarias a quantia indispensavel para o pagamento do juro e amortisação da divida externa;

2.ª — O augmento do encargo annual da divida externa se as condições cambias continuarem como até agora, será de mil e tantos contos;

3.ª — O augmento supra, pôde tornar-se muito maior, se os cambios peorarem, o que necessariamente ha-de acontecer, attendendo aos pessimos administradores que temos;

4.ª — O resgate dos *scrips*, a que se refere o n.º 1.º da base 6.ª, importa em cerca de 500 contos de reis;

5.ª — As despezas totaes da conversão da divida devem ser mais de 2:000 contos de reis, sendo pois necessario para esse fim, e para a compra dos *scrips*, perto de 3:000 contos

6.ª — Para tudo isso e para a consolidação da divida fluctuante, o governo fará um emprestimo, ainda com auctorisação concedida pelo art.º 6.º da lei de 25 de junho de 1898, que ainda vigora, segundo as declarações feitas nas camaras pelo actual governo;

7.ª — O novo emprestimo, trará outro encargo annual importante, que junto ao que resulta do *convenio*, acabara por sugar o mágro thesouro e todo o paiz, porque necessariamente tem de haver uma depressão cambial formidavel;

8.ª — Esta nova crise financeira arrastar-nos ha a uma fallencia mais grave ainda que a de 1891-92;

9.ª — Sendo-nos absolutamente impossivel cumprir as promessas a que nos sujeitamos pela presente concordata este medonho drama terminará inevitavelmente pela intervenção directa do estrangeiro na administração do paiz, com todas essas terriveis consequencias já conhecidas.

Eis as verdadeiras conclusões que todos temos a tirar depois de lêr as bases da lei sobre o *convenio* e conversão da divida externa, embora os jornaes afeiçoados ao governo digam o contrario.

Tem pois Portugal de pagar mais mil e tantos contos a mais por anno; e d'onde virá esse dinheiro? D'onde ha-de vir? Do povo! Que importa que pese sobre o pobre povo milhares e milhares de crises? o que é necessario é ser *sellado* por todos os lados; é alimentar 600 novos empregados do sêllo. Emquanto o pobre povo tiver sangue, tem de dar a ultima gota para saciar a sede d'uma orda de anthrophagos sem consciencia nem remorso. Eis as paginas *brilhantes* da *historia patria* que escrevemos na hora presente! São escriptas com o sangue do povo portuguez por mãos de dictadores infames; que atiram com o novo imperio para o abysmo no meio de dansas macabras e canticos cynicos d'uma imprensa que vende a consciencia por dinheiro. Traidores como Judas, e devassos como Sardanapalo!...

Os Jornaes e o Convenio — Paiva Couceiro. — A imprensa, á excepção d'alguns cyreneus do governo, têm verberado severamente esse nefasto *convenio*. Estão no seu direito, e muí principalmente porque se trata d'um contracto ruinoso para o paiz. O governo, de seu lado, tem usado de todos os meios, para fazer calar os jornaes da opposição; porém os *bódes expiatorios* foram: O *Mundo* e *Imparcial* de Lisboa e o *Norte* do Porto.

E' devéras repugnante, quando se vê um jornal qualquer abusar, da sua liberdade, e excitar o povo á revolta, ou assoalhar e lançar calumnias contra cidadãos prestimos e respeitaveis.

Repetimos, isso é indigno da missão da im-

prensa; mas porque n'um jornal se mostram claramente os ardis e loucuras d'um governo; mas porque se ataca um contracto que é a ruina da patria faz-se uma guerra sem tréguas a um jornal! Em virtude de que lei? Será porque o governo gosta da lei do mysterio? Não acho outro meio!

Bem sei, que ha leis que moderam a liberdade da imprensa, usem-se pois d'essas leis, e não se recorram a processos arbitrarios como é a apprehensão dos jornaes pela policia.

Se é verdade o que diz o jornal porque se persegue? e se não é, ha leis para o castigar, para lhe mostrar o caminho recto e não é necessario recorrer á policia para guardar as redacções e typographias. E' assim este governo; até gosta de ser dictador nos jornaes.

A apprehensão do *Mundo e Imparcial* deu causa a interpoção do sr. Veiga Beirão na camara dos deputados, pedindo explicações ao governo a esse respeito.

O sr. Veiga Beirão, expoz que a lei da imprensa obedece a dois intuitos a maxima liberdade e a mais effectiva responsabilidade.

Por isso, a imprensa segundo a Carta Constitucional tem direito de expressar o seu pensamento independente da *censura e caução*; só compete ao poder judicial o julgar dos abusos da imprensa, e faculta a auctoridade administrativa em casos precisos e toxativos prohibir a circulação ou exposição d'um periodico, ficando porem obrigada a *submitter a prohibição* ao poder judicial, afim d'este a confirmar ou annullar.

Depois de dizer que o primeiro ponto é absolutamente illegal, perguntou o sr. Veiga Beirão, se as apprehensões e prohibições que tem effectuado aos jornaes tem sido nos termos da lei, e se essas prohibições foram sujeitas ao poder judicial; e em caso affirmativo, perguntou ainda se o juiz confirmou ou annullou essas prohibições. O sr. Veiga Beirão falou ainda sobre o artigo 250 n.º 2.º do Codigo administrativo que teve duas redacções, uma progressista e outra regeneradora. Quando estava explicando essas redacções, viu que o sr. Hintze Ribeiro estava tomando notas e dirigiu-lhe esta á queima-roupa:

— Pode v. ex.ª tomar as notas que quizer. Eu hei-de ir até ao fim.

— E eu tambem, interrompeu o sr. Hintze.

— Talvez não, porque o que eu vou dizer é irrespondivel.

— Vamos a vêr...

Foi um áparte indispensavel, para que a discussão tivesse o seu quê de comico, mas tudo de pressa serenou.

O sr. Hintze Ribeiro respondeu, que a auctoridade competente tem a attribuição de impedir a circulação de jornaes que contenham assumptos que prejudiquem a *ordem publica*, offensas ao rei e á moral publica etc.

A resposta do sr. presidente do conselho foi muito mal architectada, porque se acha em contradicção com elle mesmo.

Ha um anno quando foi da celebre questão religiosa, os jornaes de todas as côres politicas, desde o republicano *vermelhino*, até ao *candido* regenerador, que é o orgão do sr. Hintze, todos excitaram a populaça desenfreada contra padres indefessos e pobres mulheres que só têm em vis-

ta o bem do proximo. Accumularam-se calumnias sobre calumnias contra as congregações religiosas; offenderam-se os representantes da religião catholica em Portugal, veneraveis pela sua virtude e sciencia. Abocanharam o virtuoso Cardeal Patriarcha de Lisboa, arrastando-o pela lama e pela caricatura nauseabunda; alguns jornaes chegaram a apontar na vespera as casas religiosas que deviam ser apedrejadas no dia seguinte etc. etc., então não havia perturbação de ordem publica? então não havia offensas á religião e á moral? E os jornaes circularam da mesma maneira, e até podia apostar que o sr. Hintze lia tudo isso com grande prazer e alegria!?

Hein? não é verdade?

Onde estava sr. Hintze Ribeiro então o principio da ordem? Dormia, como bem diz o «*Jornal do Commercio*», a somno sólto, debaixo do travesseiro do sr. Juiz Veiga.

Então não se apprehendeu um unico periodico, não se curtou um unico artigo, e hoje porque tres jornaes expõe publicamente o proceder do governo, apprehendem-se, querellam-se, vigiam-se as redacções e typographias!

A lei está no que o sr. Hintze quizer fazer; o seu *credo* é quero, e basta, deixem o homem senhores redactores, senão vão parar com as costéllas ao Limoeiro! ..

— O sr. Henrique de Paiva Couceiro, illustre militar, e companheiro do desgraçado Mousinho d'Albuquerque, nas terras d'Africa, e um dos mais valentes soldados que se distinguiram n'essa campanha, dirigiu ao parlamento uma representação contra o Convenio.

São palavras d'um verdadeiro portuguez. Faz a historia da nossa decadencia economica desde 1870 até chegar ao momento actual — do Convenio.

Depois da analyse minuciosa d'este contracto, atira com uma critica mordaz mas justa sobre o parto monstruoso do sr. Hintze Ribeiro dizendo:

«Hontem o monopolio dos tabacos; hoje os rendimentos aduaneiros da metropole presos a um contracto, que, de sciencia absolutamente certa, verificamos não poder honrar dentro das normas adoptados pelo governo; amanhã o voto de estranhos a fazer-se sentir na questão de tarifas alfandegarias, tolhendo o proteccionismo, dificultando tratados do Commercio!

Depois dirige um appello a todos os verdadeiros portuguezes para que salvem a patria da sua ruina eminente. Os nossos sentimentos de respeito ao bravo militar, a nossa admiração para com o valente official, que depois de ter derramado o seu sangue por essa patria querida, levanta agora a sua voz para a salvar d'um universal cataclismo.

O sr. Paiva Couceiro tem recebido muitas felicitações da parte de muitas associações, academias e muitas cartas e bilhetes de particulares.



No que devem reparar, os catholicos, é que os nossos inimigos comprehendem que a força unida é mais forte, e fazer outro tanto. A maçonaria trabalha vigia sem cessar, espreita das lojas todas as occasiões, não dormamos nós letargicamente, que o ladrão rodea-nos a casa

\*  
\* \*

Já que falei nos esforços dos discipulos do esquadro, para levantarem o edificio da republica nas nações latinas, ainda monarchicas, vou communicar ao leitor, mas á puridade, uma ideia que desde ha muito me anda a esvoaçar, cá nos miolos, mortinha por vir á luz. Ella ahí vae, mas isto só cá para nós.

O leitor terá observado e seguido, e até reflexionado nos desvairamentos do gabinete actual, a começar na questão religiosa e a acabar no convenio, que agora fervilha.

Terá visto, e talvez até com olhos lacrimosos, os contrasensos, os despauterios, do snr. Hyntze e dos amigos da códeia que o rodeam pedindo pão—terá lastimado a depauperação medonha do paiz, e não lhe quero fazer derramar mais lagrimas encarecendo-lhe as desvergonhas do nosso governo. Os jornaes catholicos e os da opposição systematico-governamental têm cahido sem dó nem piedade, como moscardo faminto ao coiro do boi, sobre o pobre do snr. Hyntze, e dito quanto o entusiasmo opposicionista e patriótico lhes tem dictado, mas afinal eu não acho o infeliz do homem ministerial tão culpado.

— Quereis vêr que o Chronista da «Voz» se vae fazer hyntzaceo?

— O Chronista da «Voz», sentar-se ao banquete politico dos *Chinezes do occidente*, dos colonos da Parvonia Portugueza?... S. Quiteria, advogada dos cães damnados me defenda de tal gente. Quero eu dizer, que o snr. Hyntze não é tão culpado como dizem. Eu cá raciocino assim: um homem que por genio e caracter individual fizesse o que para ahí se tem dito e attribuido ao dito snr. ministro, seria um monstro humano, uma fêra carniceira, um *portoguesida* e o snr. Hyntze nunca foi um monstro, nem tal se fazia á ultima hora. Ergo como diziam os da velha escola, alguém move, ou melhor alguém obriga o dito senhor a fazer o que fez, o que faz, e o que fará, por amor dos nossos peccados nacionaes, que muitos são. Mas quem é esse *alguém* que o obriga? Não sei, mas podia dar-se o caso do snr. Hyntze ser... (não sei se o avente...) filiado nas lojas maçonicas, e se não, ao menos ser amigo fiel e obediante d'ellas por favores que lhes deva, a esta maldita raça, conjural-o em nome do grande architeto a fazer o lindo papel que tem feito, tão avêssô á sua carreira anterior.

Seja como for estou convencido e ninguem me tira esta cá dos miolos: o snr. Hyntze não tem obrado pela sua consciencia individual, nem pelo seu caracter pessoal, nem mesmo politico, algum pezo grande o acabrunha. Faz de macaco das lojas e nada mais.

— Mas para que tantas miserias politicas e nacionaes contrarias á consciencia publica nacional, e bom senso?

— Parece-me, e está aqui a essencia da tal minha ideia, que a maçonaria pretende por este cumulo de tolices, irritar o publico maximamente o povo — essa eterna machina *impensante*, — desesperal-o, indispol-o contra a desorientada monarchia, para n'um dado momento quando o desespero popular já lhe parecer sufficiente, atizar anarchistas e socialistas, pagar a arruaceiros, e aos gritos de *morra o rei*, arvorar a bandeira republicana.

Será estrambotica a minha ideia, leitores? Talvez mas os desvarios do governo que actualmente nos desgoverna, e no meio de tanta agitação nacional, e n'estes momentos de difficuldades momentosas para a nação, ver esta o seu monarcha na caça despreocupadamente, como se tudo singrasse por mar de rosas... não sei o que quer dizer; se não é o que digo e repito: a maçonaria pretende assim desconceituar o rei e a monarchia perante o publico para o fim que já disse acima.

Oxalá seja isto previsão do falso e estulto propheta.

Aqui tens leitor a tal ideiasinha; mas cala-te, quer gotes quer não d'ella, não vão os policias defensores do convenio, julgar que na nossa conversa tão innocente o ataquei e... já sabes o que tem acontecido por Lisboa.

Olha que a maçonaria governamental já faz vingar as suas opiniões á força armada. E isto para ti não significa nada?... Valha-te Deus leitor; abre os olhos, mas cala-te sempre. Cautella e caldos de galinha... etc.

\*  
\* \*

Vá lá mais uma linha sobre outro poñto do mesmo assumpto.

A maçonaria se é verdade que se une em acção contra o throno real e o solio pontificio, quanto á sua disciplina interna porém traz por lá os seus scismas; nem me admira porque enfim, desejo de subir da parte dos pequenos, ancia de mandar da parte dos grandes, cubiças de uns, invejas de outros; algum resultado hão de dar.

O barulho fraternal começou entre os irmãos da Italia.

Beliscavam se os innovadores e os veteranos grandes. Os primeiros queriam que a maçonaria abolisse a differença de graus, que todos fossem eguaes, que se desmascarasse perante o publico, legalizando-se nas respectivas nacionalidades. Allegam estes que em tempos idos, quando a maçonaria era ainda infante, quando não tinha conquistado ainda campo de batalha, nem corpo sufficiente de exercito para opposição defensiva e aggressiva, tinha explicação e razoavel, o segredo absoluto maçonico, mas hoje que em toda a parte se levanta ovante, que conta em suas lojas, reis, principes, deputados, pares do reino, negociantes, banqueiros etc., não ha motivo de mascaracão.

Falam muito bem os innovadores; mas vão lá persuadir os velhos mações, os taludos de graus superiores.

Abolir os graus successivos, que tanta viagem macaca que lhe custaram, e tanta cerimonia aterradora, os seus santos graus que lhes dão a garantia de amanhã subirem a deputado, a par do reino, governador civil, a inspector geral d'isto ou d'aquillo... nada, não canta Jorge, vá o cego tocar a outra porta.

Descobrir o ceremonial maçonico, a sua disciplina intima, propôr ao publico o seu fim ultimo, peor; bem sabem os mações superiores que no dia em que a sociedade conhecesse francamente o que é a maçonaria, o que pretende e o que deseja, fugiria d'ella como d'uma serpente venenosa. Nada n'esse laço não caem os melros.

Pois seja assim, meus refinados fajardos, mas então para que foi que vocês, gritaram ha mezes áqui d'el-rei contra os frades que fazem e acontecem lá nos antros claustraes, que se subtrahem ás vistas e direcção do governo, e para que obrigaram as congregações a sujeitarem-se, á fiscalização do Estado, secularizando-as?

A's congregações que viviam franca e publicamente, cujos fins particulares de cada uma e sua disciplina eram patentes a todos, impõe-se-lhes essa lei iniqua e vocês então não querem vir a publico com a sua cara a mostra patentear francamente o que são e o que desejam da sociedade. Eu já não quero, para os meus amiguinhos a fiscalização do governo a cada loja, ainda que bem na merecias, porque viveis contra as leis patrias, só quero que digais a sociedade francamente quem sois. Dizei quem sois e estou vingado. Propalae aos quatro ventos que a maçonaria é uma sociedade benemerita e philantropica, beneficente e social, porque não patenteaes os cofres d'essa beneficencia ao publico? Se sois tão boa gatinha porque vos annhaes debaixo dos saotes da viuva e não vos desmascaraes? Não sabeis vós o que quer a Egreja, quaes os seus fins, e meios com que os alcança!

Não sabeis o que somos nós os catholicos, o que desejamos, o objecto das nossas luctas? Se não sabeis podeis sabel-o. Pois dizei á sociedade, como nós o que sois, e, repito, estou vingado.

Ai, meus melrinhos pretos de bicanso amarello, quem vos não conhecer que vos compre e quem vos

conhecer que vos venda na Feira da Ladra, quando não fica com ruim besta em casa.

Parece impossivel, que haja ainda ingenuos que depois de tantos desganhos ainda se deixem comer por estes velhacões. E' caso para exclamar, como costumava uma boa velha d'uma aldeia onde tenho amigos, nos auge de admiração: *Inte faz specie!*...

E' verdade boa velha *inte faz specie!* mas que quer vocemecê, se a rapaziada d'agora é tão tolinha, se são todos uns cabeças no ar. Peça a Deus que lhe dê juizo que é o mais necessario aos desgraçados filhos de Eva.

E adeus meus leitores. Muito havia a dizer ainda, mas já que comecei a conversa, com a boa velhinha, deixem-me continuar: apraz-me cavaquear com a santa gente d'aquella aldeia á beira mar plantada, que me roubou o coração; por isso adeus até aos fins de maio.

Recados e noticias minhas aos amigos e como sempre dispondo do vosso servo inutil.

Braga, 28 de abril.

O CHRONISTA DA «VOZ».

## Almanach de Santo Antonio

PARA 1902

Encontra-se á venda em Lisboa em casa do Snr. Eduardo Henrique Neves, Calçada de Santos. — Porto: livrarias de Machado & Costa e Aloysio Gomes da Silva. — Guimarães: em casa do Snr. José Joaquim Gomes da Silva, rua Nova do Commercio. — Povoá de Varzim: em casa do Snr. Moyzês Nazareth de Sousa Guerra. — em Braga na Redacção e administração da *Voz de Santo Antonio*, Livraria de Cruz & C.<sup>a</sup> e Laurindo Costa.

— Em todas as terras em que temos correspondentes podem ser reclamados a estes Senhores que elles prestam-nos a fineza de os pedir.

O seu importe: 250 réis brochado e 320 encadernado, pode ser enviado mesmo em estampilhas de correio.

## Folhinha Franciscana

Para 1902

Encontra-se á venda n'esta redacção, sendo o seu custo como os mais annos, 200 réis.

Todos os pedidos sejam feitos á Administração da «Voz de Santo Antonio».

## A PAZ D'ALMA

Pelo P. Chaignon S. J. Preço 500 réis.

## As Angustias do Coração de Maria

Um excellente livrinho proprio para os devotos das dôres de Nossa Senhora. — Preço 10 réis.

**Vida de S. Luiz de Tolosa.** — Pequenas folhas de propaganda. Preço de cada exemplar 5 réis com as seguintes vantagens:

Quem pagar 10	exemplares recebe.	12
» » 20	» »	25
» » 30	» »	40
» » 50	» »	65
» » 80	» »	100
» » 100	» »	150

# VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

**Direcção.** — Toda a correspondencia deve ser dirigida unica e exclusivamente ao Rev.<sup>o</sup> Padre Director da «Voz de S. Antonio» — Braga.

**Assignatura.** — 1\$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes, para os demais paizes accresce o importe do correio.